

MÁRCIA ALEXANDRA SILVESTRE INÁCIO ANDRÉ

**CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E ATIVIDADE PROFISSIONAL:
QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho orientado por: Professor Doutor Manuel Célio Conceição



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2023

CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E ATIVIDADE PROFISSIONAL: QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Declaração da autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Márcia Alexandra Silvestre Inácio André

Copyright Márcia Alexandra Silvestre Inácio André

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.”

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão para:

o meu orientador, Professor Doutor Célio Conceição, por todo o apoio e incentivo ao longo da escrita e construção deste meu trabalho;

a minha colega e amiga Laura Alves por ter puxado por mim mesmo quando eu achava que não ia conseguir terminar;

a minha grande amiga Isabel Sebastião, que sempre me disse que eu seria capaz;

os meus pais, que sempre me apoiaram nos meus estudos;

os meus sogros que, onde estiverem, estarão orgulhosos da sua nora;

os meus filhos que sempre se orgulharam da mãe e da profissional.

Finalmente agradeço ao meu marido que esteve sempre ao meu lado, nos melhores e piores momentos, que sempre me acompanhou e incentivou a estudar e que sem ele nada disto teria sido possível.

Índice

RESUMO	2
ABSTRACT	3
LISTA DE ABREVIATURAS	4
CAPÍTULO I – Introdução	5
1 Introdução	5
CAPÍTULO II– Percurso profissional	6
1 Introdução	6
2 Experiência profissional na Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Loulé	7
2.1 Produção de conteúdos museográficos e estratégias linguísticas	8
2.2 Programação cultural: espetáculos e exposições de arte contemporânea.....	18
3 Experiência profissional na Universidade do Algarve	21
3.1 Atividade de assessoria de protocolo e produção de eventos	22
3.2 Atividade de formadora.....	31
3.2.1 A unidade curricular de Organização de Eventos e Protocolo	32
3.2.2 A formação profissional: Eventos e Protocolo	32
3.3 Divulgação da Universidade do Algarve e Relações Públicas.....	33
3.3.1 A nível nacional	34
3.3.2 A nível internacional	35
4 Síntese.....	36
CAPÍTULO III – O caso da variação linguística	37
1 Introdução	37
2 Português Europeu e Português do Brasil.....	37
3 Recolha de dados	43
4 Análise e discussão de dados	45
5 Síntese.....	53
CAPÍTULO IV – Considerações finais	55
Bibliografia.....	56
Anexos	57

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever necessidades, usos e implicações da área disciplinar do mestrado no decurso do meu percurso profissional no exercício de funções na Câmara Municipal de Loulé e na Universidade do Algarve, percurso que iniciei no ano 2001. Procurarei focar os aspetos relacionados com a área do curso que mais contribuíram para o meu desenvolvimento profissional, nomeadamente estratégias linguísticas e comunicativas e projetos que implementei na área dos serviços educativos, da organização de eventos e no trabalho enquanto relações públicas e participação em eventos de interação com falantes de Português do Brasil

As principais estratégias e projetos serão alvo de uma análise e descrição, fazendo-se também uma reflexão, com o objetivo de chegar a algumas conclusões sobre o trabalho desenvolvido ao longo destes vinte e dois anos de atividade profissional. Por último, será feita uma reflexão crítica sobre todo o meu percurso profissional, identificando as problemáticas e aspetos encontrados, nomeadamente nas diferenças entre o Português Europeu e o Português do Brasil, que limitaram a minha comunicação e a maneira como os ultrapassei e que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Palavras-chave: Prática profissional; Percurso profissional; Português Europeu; Português do Brasil

ABSTRACT

The aim of this paper is to describe the needs, uses and implications of the subject area of the master's degree during my professional career working for the Municipality of Loulé and the University of the Algarve, a career that began in 2001. I will try to focus on the aspects related to the course area that have most contributed to my professional development, namely linguistic and communicative strategies and projects that I have implemented in the area of educational services, event organization and work as a public relations officer and participation in events of interaction with Brazilian Portuguese speakers.

The main strategies and projects will be analyzed and described, as well as reflected upon, with the aim of reaching some conclusions about the work carried out over these twenty-two years of professional activity. Finally, a critical reflection will be made on my entire professional career, identifying the problems and aspects encountered, particularly in the differences between European Portuguese and Brazilian Portuguese, which limited my communication and how I overcame them and contributed to my personal and professional development.

Keywords: Professional practice; Professional career; European Portuguese; Brazilian Portuguese

LISTA DE ABREVIATURAS

UAlg Universidade do Algarve

GCP Gabinete de Comunicação e Protocolo

ENEM Exame Nacional de Ensino Médio

PE Português Europeu

PB Português do Brasil

CAPÍTULO I – Introdução

1 Introdução

O presente trabalho destina-se à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem ministrado pela Universidade do Algarve. A inscrição neste Mestrado surge da necessidade de complementar a minha formação na área das Ciências da Linguagem e consolidar os meus conhecimentos em relação à prática que tenho tido na adequação da linguagem, de língua e de comunicação aos diversos públicos, nos diferentes contextos profissionais, ao mesmo tempo que reflito sobre as minhas práticas e sobre questões linguísticas que as condicionam. Este projeto é uma reflexão do meu percurso profissional da qual emergiram, com particular ênfase, problemáticas na adequação dos termos do Português Europeu para o Português Brasileiro, no seguimento da divulgação da oferta formativa da Universidade do Algarve e da minha participação em Feiras Internacionais, nomeadamente no Brasil. Em toda a reflexão procurarei fundamentar a minha prática profissional em suportes teóricos no âmbito das Ciências da Linguagem, bem como tentarei ilustrar o modo e as estratégias que utilizei para me adequar aos diferentes interlocutores, com vista à resolução de problemas de comunicação.

Do percurso que será sinteticamente apresentado, emergiram e continuam a emergir problemáticas dentro da área das Ciências da Linguagem que vou desenvolver e aprofundar neste trabalho de atividade profissional. É meu objetivo com esta reflexão e com a pesquisa subsequente, aumentar as minhas competências e os meus conhecimentos na área das Ciências da Linguagem, de forma a promover a maior capacitação do meu desempenho profissional em que o uso apropriado e rigorosamente selecionado das estruturas linguísticas tenha o impacto desejado na minha atividade profissional e, consequentemente, na instituição a que pertenço e que muitas vezes represento.

Através de uma reflexão crítica do meu percurso profissional de onde emergiram as problemáticas da adequação linguística, das variações e da norma, irei debruçar-me mais sobre as variações diatópicas, por serem as que ocorrem entre diferentes locais e regiões. Mostrarei também que não há hierarquias nas línguas e que não são aceitáveis quaisquer preconceitos linguísticos. Se pensarmos que uma língua é uma construção histórica, facilmente poderemos deduzir que também as normas foram sendo alteradas ao longo dos séculos dos vários continentes.

CAPÍTULO II– Percurso profissional

1 Introdução

O meu percurso iniciou-se em 2001 com a experiência no âmbito dos Serviços Educativos no Museu Municipal de Loulé, passando entre 2009 e 2013 pela programação cultural no Município de Loulé. Posteriormente, em 2014, entrei na Universidade do Algarve como assessora de protocolo e produtora de eventos. Também tenho lecionado em formação inicial e em formação ao longo da vida. Atualmente integro também a equipa de atividades de divulgação da oferta formativa da UAlg em eventos nacionais e internacionais.

Posso afirmar que o meu percurso profissional tem sido pautado por duas fases bastante distintas: a primeira fase, entre o ano 2001 e 2014, em que exerci funções como técnica superior na Divisão de Cultura e Património Histórico na Câmara Municipal de Loulé, e me dediquei à mediação entre conteúdos patrimoniais e artísticos e o público; a segunda fase, desde 2014, até à atualidade, em que exerço funções de Relações Públicas e Assessora de Protocolo no Gabinete de Comunicação e Protocolo da Universidade do Algarve e em que também acabo por ser mediadora entre estes diferentes serviços e os diferentes públicos-alvo.

Licenciei-me, no ano 2000, em Estudos Portugueses - ramo de formação educacional, na Universidade do Algarve - Unidade de Ciências Exatas e Sociais, com a classificação final de 14 valores. Ingressei neste curso, via ensino, por se tratar de uma licenciatura que me daria um conhecimento genérico sobre várias áreas do meu interesse, desde as ciências da linguagem, da literatura portuguesa, passando pela história e arqueologia, a pedagogia e as didáticas da língua e da literatura. Como o ensino sempre me despertou interesse, o curso acabou por superar as minhas expectativas, uma vez que não só se revelou muito enriquecedor para o meu crescimento pessoal, como me forneceu ferramentas muito úteis para a minha vida profissional que, como referi, se tem revelado muito diversificada, como poderemos verificar ao longo deste trabalho.

Realizei estágio pedagógico na disciplina de Português na Escola EB2,3 Dr. António de Sousa Agostinho, em Almancil, no ano letivo de 1999/2000, com a classificação final de 15 valores. O estágio no ensino foi talvez das experiências mais gratificantes da minha vida profissional e onde me senti mais realizada, pois sempre pensei em ensinar e trabalhar com as camadas mais jovens e a sua formação. No entanto,

esta realidade rapidamente se desvaneceu, pois a dificuldade na colocação de professores, que se vivia na época, não me permitiu ficar colocada e rapidamente me vi no desemprego. No entanto, transformei esse obstáculo numa oportunidade e como ambicionava prosseguir estudos, concorri ao Mestrado em Literatura Portuguesa – variante de Literatura Tradicional Oral, na Universidade do Algarve, no ano letivo 2000/2001. Frequentei o primeiro ano com sucesso, mas não concluí a dissertação, ficando com o curso de especialização em Literatura Portuguesa e com a classificação final de 14 valores. Escolhi a variante de Literatura Tradicional Oral por ter gostado, durante a licenciatura, de fazer trabalho de campo e de recolha de literatura oral, nomeadamente junto de comunidades mais envelhecidas, no interior algarvio, com um saber único e particular, acumulado das gerações anteriores. Interessei-me especialmente pela recolha e transcrição de literatura oral e pela questão da diversidade de versões (que já antevia o interesse pela variação linguística), observáveis nos diferentes territórios e faixas etárias. Neste âmbito, iniciei a minha dissertação sobre “Estórias de vida dos pescadores de Quarteira”, através da elaboração de um estudo da identidade cultural da comunidade piscatória de Quarteira. Este estudo centrava-se na recolha, transcrição e classificação das estórias de vida dos pescadores, nomeadamente nas aventuras vividas no mar, naufrágios, dureza da profissão, entre outras. Além de questões de literatura mobilizava, pois, aspetos de fonética, morfologia, sintaxe e semântica que me permitiram fixar por escrito o que recolhia. No entanto, por razões profissionais, acabei por não o concluir.

2 Experiência profissional na Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Loulé

Algum tempo depois do estágio em ensino, em 2001 surgiu um novo desafio na minha vida profissional. Apareceu uma vaga de trabalho na Câmara Municipal de Loulé para dar início a um novo projeto: a criação dos Serviços Educativos do Museu Municipal de Loulé. Concorri ao lugar e fui selecionada para trabalhar na Divisão de Cultura e Património Histórico, como técnica superior de 2ª classe. Na época, o Museu Municipal de Loulé estava a começar a projetar a adesão à Rede Portuguesa de Museus e a chefia da Divisão começou a achar que as funções dos Serviços Educativos de um museu, dirigidas a públicos diferenciados, exigiam um trabalho específico e planeado. Este trabalho implicava ser coordenado por um técnico de nível superior com formação inicial diversificada nas áreas de história, património, arqueologia e pedagogia. O meu perfil

encaixou-se perfeitamente nos requisitos exigidos, tendo sido nomeada responsável pelos Serviços Educativos da Divisão de Cultura e História Local e coordenado uma equipa de duas técnicas profissionais em museografia.

2.1 Produção de conteúdos museográficos e estratégias linguísticas

O Museu Municipal de Loulé é um museu de território. É constituído por polos museológicos que funcionam em rede e que pretendem contribuir para dinamizar e promover o património cultural e as visitas ao concelho de Loulé, bem como contribuir para o desenvolvimento do território e das suas gentes. O núcleo sede do Museu Municipal de Loulé apresenta uma exposição de longa duração que conta a história do território de Loulé, desde a pré-história até ao período moderno, tendo para isso selecionado os objetos mais significativos recolhidos em diversas áreas do concelho em resultado de projetos de investigação, de prospeções e de achados ocasionais. O Polo Museológico da Cozinha Tradicional proporciona uma viagem às cozinhas das casas da serra e beira-serra algarvias, de meados do século XX. O Polo Museológico dos Frutos Secos é um antigo espaço fabril, onde se podem ver as máquinas de partir amêndoa e triturar alfarroba, juntamente com outros objetos e materiais relacionados com a transformação e comercialização dos frutos secos. O Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte é a antiga Casa dos Condes de Alte, agora musealizada, onde se podem descobrir os espólios do poeta Francisco Xavier Cândido Guerreiro, da família dos Condes de Alte e alguns objetos da Casa do Povo de Alte e de particulares. O Polo Museológico de Salir apresenta espólio arqueológico da freguesia de Salir, nomeadamente menires, variado espólio Neolítico, sepulturas da idade do Bronze, estelas epigrafadas da idade do Ferro, ruínas e materiais romanos, tal como diferentes testemunhos medievais, onde avultam os restos do seu castelo muçulmano. O Polo Museológico da Água fica localizado na aldeia de Querença e apresenta testemunhos de vida e de elementos edificados e naturais (poços, fontes, ribeiras, tanques e noras) que caracterizam o quotidiano de trabalho das populações desta região (Museu Municipal de Loulé, s/d.).

Foi nestes espaços museológicos que desenvolvi a minha prática enquanto responsável pelos Serviços Educativos, produzindo conteúdos museográficos e criando estratégias linguísticas e não só para comunicar melhor com os diferentes públicos. Fui

responsável pela criação, planeamento, organização, implementação e gestão do projeto “Visita Brincando” no Museu Municipal de Arqueologia, no Polo Museológico dos Frutos Secos, na Cozinha Tradicional, no Polo Museológico de Salir e no Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte. Este projeto tinha por objetivo principal estabelecer a ligação entre o Museu Municipal de Loulé, os seus polos e a comunidade escolar. Pretendia-se, deste modo, sensibilizar alunos e professores para a visita aos museus, bem como para a necessidade de preservação do património histórico e artístico do Município. Nesse sentido, sempre que possível, as visitas eram seguidas de oficinas de experimentação para que os alunos pudessem ter um papel cada vez mais participativo. Simultaneamente, realizavam-se atividades lúdicas e de descoberta, percursos, oficinas pedagógicas e ações de sensibilização que tinham em vista, de uma forma lúdica e descontraída, proporcionar às crianças e jovens o conhecimento sobre a riqueza histórico-cultural do Concelho. O facto de gostar muito da área de história e arqueologia tornou a minha tarefa mais facilitada e permitiu-me pensar em atividades de mediação aliciantes, entre estas temáticas e o público escolar. A minha maior dificuldade prendeu-se com o facto de eu ter de simplificar o nível de língua, sem perder o rigor científico, e, ao mesmo tempo, desenvolver atividades lúdicas e apelativas, para que a visita a um museu fosse algo agradável e não uma experiência enfadonha a não repetir. Assim, tive de desenvolver a minha capacidade de adaptar a linguagem científica, alguma bastante especializada, a um público tão diversificado que ia do pré-escolar ao 12º ano, através de jogos e atividades diversas que os levassem ao conhecimento e gosto pelo património. O maior desafio prendeu-se, inequivocamente, com a simplificação e reformulação discursivas onde persistiram algumas questões: uma delas era a necessidade de equilibrar a simplicidade com o rigor científico e outra era não reduzir excessivamente os termos científicos ou explicações pormenorizadas, sob pena de levar a uma representação imprecisa do conteúdo original. Além disso, a reformulação inadequada podia distorcer o significado original, comprometendo o rigor da informação. Outro desafio foi a adaptação do discurso ao público-alvo. A linguagem e o nível de pormenor que funcionam para um público especialista podem ser inadequados para um público jovem. Assim, encontrar o tom certo e os termos adequados foi uma tarefa difícil, que requereu conhecimentos linguísticos, e um domínio tanto do tema em questão como dos conhecimentos prévios do público-alvo. Por exemplo, no caso das atividades no Museu Municipal de Loulé, saber que os alunos do 4º ano já tinham noções das diferentes épocas

da História, ajudava a explicar a ocupação humana em Loulé ao longo dos séculos. Segundo Conceição:

“Na construção de qualquer discurso, um enunciador sente a necessidade de retomar as suas afirmações e de as verbalizar de forma diferente para encadear a informação e os conhecimentos que pretende transmitir. Em termos formais e estilísticos, a reformulação, feita, entre outros, por paráfrase, por anáfora ou por catáfora, visa evitar a repetição. Em termos da arquitectura cognitiva do discurso, a reformulação é feita, por exemplo, para explicar, para corrigir, para desenvolver, para retrointerpretar, para refutar informações anteriormente verbalizadas ou até para fornecer definições textuais de termos. Em suma, a reformulação é uma consciencialização da eventual falta de adequação do discurso ao universo de referência ou às condições de interação e ao processamento da informação pretendido. Sendo a reformulação uma constante de qualquer discurso, independentemente da sua relação ou não com uma especialidade, no âmbito da investigação em terminologia, uma unidade terminológica é, assim, reformulada em discurso, para explicitar o seu conteúdo semântico e cognitivo, para refutar o seu uso, para corrigir a denominação, entre outros” (2004: 249).

O programa educativo “Visita Brincando” era constituído por atividades para os vários níveis das escolas do concelho de Loulé, com um conjunto de visitas museológicas seguidas de oficinas de experimentação (propostas dirigidas aos alunos do 1º, 2º e 3º ciclos). Este programa era apresentado às escolas e enviado em formato de papel (ver anexo 1). Numa das oficinas, intitulada “Vamos Escavar”, cujo público-alvo eram crianças do 1º ciclo, os alunos, após uma visita ao Museu Municipal de Loulé, tinham a oportunidade de conhecer o trabalho dos arqueólogos numa escavação e o percurso dos achados arqueológicos desde que são encontrados até ao momento em que são expostos bem como contactar com um terrário (caixa de madeira cheia de areia onde eram enterradas réplicas de achados arqueológicos para os alunos escavarem) exemplificativo de um campo arqueológico e fazer o restauro das peças encontradas. Esta atividade permitia que os alunos contactassem com a areia e com réplicas de objetos arqueológicos, permitindo-lhes divertirem-se por estarem a interagir com elementos que lhes são familiares desde o pré-escolar, como a areia, mas ao mesmo tempo contactar com a História dos seus antepassados através da descoberta de objetos do seu quotidiano. Nas visitas para os alunos mais novos, cuja proficiência linguística estava ainda mais incipiente, eu utilizava frases declarativas simples ou coordenadas, com intenção sobretudo informativa, de modo a que identificassem facilmente os objetos e as histórias

que eles “contavam”. Para os mais velhos, utilizava frases subordinadas, onde já poderiam correlacionar. Segundo Sim-Sim:

“O número de frase complexas (coordenadas e subordinadas), assim como a diferenciação de tempos verbais, de pronomes e de formas pronominais cresce na razão direta da idade dos sujeitos. À medida que aumenta a idade, aumenta globalmente a compreensão de estruturas complexas. No entanto, dada a especificidade da estrutura de cada uma das frases apresentadas, o desempenho individual do conjunto das frases não é homogêneo” (1998: 175).

Exemplos de frases mais simples, para os alunos mais jovens, são combinações de orações através da conjunção coordenativa copulativa “e”. Este conector coordena frases e categorias sintáticas, daí eu os utilizar em produções como: “Nesta vitrine podemos ver um prato e uma moeda romana” ou “Os romanos gostavam de vegetais e faziam sopas”. Estas frases têm função meramente aditiva. À medida que lidava com crianças mais velhas, já poderia utilizar frases subordinadas como: “Aqui temos um bule pequenino que era utilizado como brinquedo pelos meninos romanos que já brincavam às casinhas como vocês”. Outra oficina de experimentação chamava-se “Vamos Fazer Empreita”. Nesta atividade os alunos faziam uma visita ao Pólo Museológico da Cozinha Tradicional Algarvia e executavam objetos em empreita como a baracinha (cordel delgado feito de palma). Esta atividade permitia-lhes conhecer objetos utilizados pelos seus antepassados e relacioná-los com os da atualidade, bem como desenvolver a motricidade fina através do trabalho manual da execução da baracinha. Eram por mim utilizadas frases como: “Isto é um candeeiro a petróleo que se usava antigamente. Hoje vocês têm luz elétrica e já não utilizam este tipo de objetos”. Outra atividade pedagógica era o “Jogo do ric-rac” que era realizada após uma visita guiada ao Polo Museológico de Salir e muralhas. Os alunos visitavam vestígios de uma fortificação e de um conjunto de casas e observavam objetos que traduziam os vestígios da vida quotidiana dos séculos XII-XIII, nomeadamente peças de um jogo muito popular na época islâmica. No final os alunos experimentavam jogar com réplicas de peças do jogo.

Além das atividades de experimentação anteriormente descritas, o programa educativo “Visita Brincando” continha também atividades lúdicas e de descoberta (propostas destinadas aos alunos do pré-escolar e 1º e 2º ciclos). Uma delas intitulava-se “Vamos apanhar frutos secos”. Após uma visita ao Polo Museológico dos Frutos Secos, os alunos participavam numa simulação da apanha da amêndoa e da alfarroba numa réplica de árvores de frutos secos. Esta atividade proporcionava uma grande agitação

física pois os alunos eram divididos em duas equipas e ganhava a que apanhasse o maior número de frutos, num menor espaço de tempo. Outra atividade lúdica chamava-se “Vem conhecer a Lenda das Amendoeiras”. Nesta atividade, também realizada após a visita ao Pólo Museológico dos Frutos Secos, os alunos assistiam à dramatização da “Lenda das Amendoeiras”, com fantoches e, posteriormente, tinham a oportunidade de realizar um trabalho de expressão plástica, representando uma flor de amendoeira. Nesta atividade usei a versão “Lenda das Amendoeiras em Flor” retirada do livro *Lendas de Portugal* de Marques (2000: 205). Esta versão, com uma linguagem um pouco arcaica, foi trabalhada por mim, em termos linguísticos, na tentativa de adaptar a história aos alunos do ensino pré-escolar. Uma das estratégias foi transformar os vocábulos antigos em vocábulos atuais e conhecidos dos alunos. Passo a transcrever alguns exemplos desta adaptação. Se na versão de Marques (2000: 205) eram utilizadas frases como:

“Ela bem quis soerguer-se. Inutilmente. Caiu para trás, e a sua voz tornou-se ainda mais trémula e velada” eu substituí por “Ela tentou levantar-se da cama mas não conseguiu. Caiu para trás e a sua voz ficou cada vez mais tremida e baixinha”.

Também transformei frases longas em diálogos, com frases mais curtas, declarativas, exclamativas e interrogativas, de modo a clarificar e reforçar a mensagem para que os alunos se sentissem integrados na interlocução das personagens. Se na versão original de Marques (2000: 205) podíamos encontrar longas descrições como:

“E quando o rei mouro, abatido, desalentado – vencido pela primeira vez na sua vida! – já não tinha mais qualquer esperança e chorava sozinho a sua dor, vieram dizer-lhe que um velho prisioneiro, também das terras do Norte, antigo súbdito do pai de Gilda, queria falar-lhe. Primeiro disse que não, que não queria ver pessoa alguma. Depois hesitou, interrogando-se a si próprio: E se ele soubesse algo a respeito da doença de Gilda?... Então mandou que entrasse”.

Eu substituí por:

“–Está lá fora um velho que diz que quer falar consigo! – Falar comigo? Eu não quero falar com ninguém! – Mas olhe que ele diz que tem a cura para a princesa ficar boa e deixar de estar tão triste! – Ah! Então mande-o entrar!”.

Para uma melhor dramatização da lenda, servia-me ainda de suportes extralinguísticos, como os gestos e postura corporal dos fantoches manipulados por mim

e, paralinguísticos, como a minha entoação, ao imitar a voz das personagens. Segundo Sim-Sim:

“Para clarificar, reforçar ou distorcer a mensagem, o sistema linguístico, vulgarmente denominado linguagem, serve-se de mecanismos ou chaves de suporte que podem ser extralinguísticos ou paralinguísticos. Exemplos do primeiro caso são os gestos, a postura corporal e as expressões faciais; do segundo, a entoação, as pausas e hesitações, a velocidade e o ritmo das produções” (1998: 22).

O programa “Visita Brincando” era ainda composto por atividades de exploração como um *peddy paper* (prova pedestre de orientação para equipas, que consiste num percurso ao qual estão associadas perguntas ou tarefas correspondentes aos diferentes pontos intermédios e que podem determinar a passagem à parte seguinte do percurso) realizado no Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte, onde os alunos entravam em contacto com a vida e obra do poeta Cândido Guerreiro e com as suas coleções pessoais, através de atividades de descoberta e análise de alguns dos seus poemas. Neste caso a preocupação com a linguagem foi ao nível da escolha do *corpus* de poemas para análise. Para os mais novos, escolhia os poemas mais simples de interpretar cujo tema do poema era facilmente identificável e não requeria uma análise profunda para o entender, uma vez que a mensagem era mais evidente. A escolha recaía em poemas que retratavam emoções simples, objetos do quotidiano ou experiências do dia-a-dia. Nesses casos, o poeta não deixa muito espaço para interpretação, optando por uma comunicação direta, não exigindo dos mais jovens um amplo conhecimento literário ou de vocabulário para serem entendidos. Exemplo desta tipologia de *corpus* é a escolha do soneto: «Fonte pequena» (1903 *in* Marques, 2014: 100), onde Cândido Guerreiro reflete, na sua poesia, a serra, o barrocal e o litoral algarvios:

«Porque nasci ao pé de quatro montes
Por onde as águas passam a cantar
As canções dos moinhos e das pontes,
Ensinaram-me as águas a falar...

Eu sei a vossa língua, águas das fontes...
Podeis falar comigo, águas do mar...
E ouço, à tarde, os longínquos horizontes
Chorar uma saudade singular...

E porque entendo bem aquelas máguas,
E compreendo os íntimos segredos
Da voz do mar ou do rochedo mudo,

Sinto-me irmão da luz, do ar, das águas...
Sinto-me irmão dos íngremes penedos,
E sinto que sou Deus, pois Deus é tudo!...».

Este poema era explorado com os alunos, numa ida ao local da Fonte Pequena, ponto central da aldeia de Alte e de visita obrigatória para quem vem de fora. Nesse jardim e junto à fonte existe também um memorial de homenagem a Cândido Guerreiro composto por painéis de azulejos com os seus poemas. Terá sido ao som das águas desta fonte que o poeta terá escrito os seus poemas, uma vez que Alte e o Algarve estavam sempre presentes no seu pensamento e na sua poesia, mesmo quando foi, mais tarde, estudar para Coimbra. As fontes, as ribeiras e os montes que o rodeavam aparecem sempre presentes nos seus poemas e muitas vezes recorre à figura de Deus como criador de muitas belezas do Algarve. Exemplo de uma atividade desenvolvida com os alunos, era a exploração do som e ritmo do poema “Fonte pequena”. Ao som da água que corria, os alunos mais novos eram convidados a fazer jogos musicais e rítmicos de leitura rápida, dialogada, coral ou dramatizada, de modo a sentir e a associar palavras do poema à forte presença dos elementos naturais como o correr da água, a presença e trabalho dos moinhos e a passagens dos habitantes da aldeia pelas pontes.

Para os alunos do ensino secundário era feita uma escolha para análise de poemas de Cândido de Guerreiro mais complexos e com múltiplas interpretações. Poemas com linguagem mais rica, repleta de figuras de estilo e onde a interpretação pode ser mais desafiadora devido à natureza simbólica dos termos. Os temas explorados são mais profundos, abstratos ou filosóficos, exigindo uma reflexão mais profunda para serem compreendidos, sendo poemas que exigem leitores com mais experiência literária. Veja-se o exemplo do soneto “De Bordo” (1903 *in* Marques, 2014: 214), onde é demonstrado o fascínio e confluência das culturas árabe e católica/ cristã:

“Costa Algarvia! Pelas enseadas
Flamejam cactus e erguem-se mirantes...
Com seus casais, alvíssimos turbantes,
Acenam para o mar as cumeadas...”

E erguidos contra a fúria das nortadas,
Monchique e São Miguel, os dois gigantes,
Guardam ciosamente e vigilantes
Este jardim de moiras encantadas...

De bronze e sinople, a Rocha de Alte
Recorta em campo azul – num céu de esmalte –
O heráldico perfil de capacete...

Nas açoteias ardem os gerânios,
E o algarve é todo um lindo minarete
Sobre o mais belo dos Mediterrâneos...”

Este poema era explorado no espaço do Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte. Os alunos eram convidados a uma leitura atenta do poema e em grupo, a tentarem identificar unidades lexicais desconhecidas, procurar os seus significados e a agrupá-las por temas como: temas da cultura árabe; temas relacionados com heráldica e temas relacionados com a natureza. Através da identificação dos significados, os alunos iam desconstruindo o poema e tentando encontrar propostas de análise.

O contacto com a poesia de Cândido Guerreiro revelou-se importante para os visitantes ficarem a conhecer mais sobre a sua vida e obra, para compreenderem melhor a identidade algarvia e mais especificamente Alte, ao mesmo tempo que desenvolviam e adquiriam mais vocabulário. Segundo Gomes, Ramos e Silva:

“O contacto precoce e assíduo com textos líricos de qualidade não só tem implicações evidentes ao nível do desenvolvimento linguístico da criança, aumentando a sua consciência fonológica, a capacidade articulatória e ajudando-a a ampliar as suas representações sobre a leitura e a escrita, como também se revela fundamental na ligação da criança ao contexto envolvente e também a uma cultura e a uma tradição que os textos poéticos revisitam e recriam” (2009: 111).

O facto de as atividades pedagógicas, referidas anteriormente, terem sido sempre focadas na adequação e reformulação linguísticas levou a que os alunos das escolas do concelho de Loulé se aproximassem mais do património histórico e museológico de Loulé. O projeto “Visita Brincando” teve resultados muito positivos, com uma receptividade muito grande por parte da comunidade escolar e para dar resposta a esta demanda, criei

ainda o projeto “O Museu vai à escola”. Este projeto consistia em organizar atividades experimentais nas escolas básicas e secundárias do concelho de Loulé, através da criação de maletas pedagógicas que continham réplicas das peças dos museus que serviam para realizar as atividades e contar a História do concelho de Loulé. Uma das estratégias utilizada de identificação e proximidade com os objetos consistia, por exemplo, em chamar a atenção para um objeto que pertencesse aos seus quotidianos, como foi o caso do “vaso de noite medieval” que eu simplificava para “bacio” termo familiar à faixa etária dos alunos; ou, outro exemplo, o da “lucerna romana” que eu simplificava por “pequeno candeeiro”, porque todos os alunos têm este objeto na sua mesa de cabeceira. Com esta estratégia de aproximação com objetos conhecidos, contribuía para o enriquecimento e alargamento da competência lexical destes alunos. Este processo de envolvimento e integração nas atividades desenvolvidas é um conceito definido por Vygotsky, designado por Zona de Desenvolvimento Proximal:

“Propomos que um aspeto essencial da aprendizagem é o fato de ela criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, a aprendizagem desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas ou quando brinca com outras crianças. Uma vez assimilados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança” (Vygotski, 1991: 61).

O conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal é importante pois define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto. São as informações que uma criança tem e a potencialidade de aprender mas que ainda não completou o processo e só irá fazê-lo quando estiver perante a situação real. Na minha experiência em atividades com crianças no Museu, verifiquei sempre que, a partir do momento em que os visitantes ouviam e reconheciam o conceito relativo ao novo termo, por fazerem a analogia referencial com os objetos que tinham em casa, passavam automaticamente a entender o significado da unidade lexical e o conceito a que diz respeito e começavam a usar uma nova terminologia. Esta analogia torna-se muito relevante para a aquisição de novos conhecimentos e é através de atividades de simplificação linguística ou de reformulação que estes processos ocorrem. Os alunos sentiam-se mais integrados na atividade, logo mais identificados e envolvidos na experiência. O facto de ser professora de português profissionalizada constituiu uma mais valia porque utilizei as ferramentas pedagógicas

que tinha adquirido na licenciatura, sempre com o foco na adaptação dos recursos linguísticos e comunicativos aos diversos públicos, com vista a uma forma de comunicação mais adequada, necessária para despertar o interesse dos públicos mais jovens. Através da realização destas atividades, com a criação de um programa intencional e sistemático, consegui ser mediadora e facilitadora de conhecimento, promovendo competências linguísticas e culturais, de modo a estreitar as relações entre o museu e a comunidade. Promovi assim o museu como local de encontro, de diálogo, de questionamento, de construção de cidadania e de partilha. Incluí o património cultural no dia-a-dia das pessoas, assim como tentei tornar apetecível a frequência dos espaços culturais pelos mais novos.

Também na área de produção de conteúdos museográficos, fui responsável pela implementação do Polo Museológico da Água em Querença, incluindo as fases de trabalho de campo e entrevistas. Pude, novamente, utilizar os meus conhecimentos adquiridos na minha formação inicial, através da experiência que trazia do trabalho de “campo” durante a licenciatura e do trabalho com a comunidade de pescadores de Quarteira. Estas experiências do passado revelaram-se muito úteis na produção de conteúdos para o Polo Museológico da Água em Querença, pois tive novamente de recolher e transcrever depoimentos, histórias de vida, lendas populares e métodos de trabalho, no âmbito da temática da “água e o ano agrícola”. Além da Literatura Oral, este trabalho também resultou da implementação de estratégias de aplicação e produção de conhecimentos e de recursos de análise linguística de que são exemplo a maneira como conduzi as entrevistas. Este trabalho de campo e, mais especificamente as entrevistas efetuadas às pessoas que trabalham a terra, revelou-se um momento muito desafiante da minha vida profissional, pois tive de conduzir as entrevistas de modo a que os informantes explicassem melhor cada termo que usavam. O facto de os informantes utilizarem um registo de língua familiar, com muitos termos de natureza etnológica, próprios do Algarve e mais especificamente da região de Querença, e de natureza dialetal, próprios das comunidades de agricultores, levou a uma maior dificuldade em explicarem o significado das palavras. Recorri assim a perguntas retóricas (interrogações que não têm como objetivo obter uma resposta, mas sim estimular a reflexão do indivíduo sobre determinado assunto), perguntas abertas (que permitiram uma opinião ou explicação, tornando-se mais reveladoras) e evitei as perguntas fechadas (aquelas que podem levar a respostas como “sim” e “não”), de modo a obter uma melhor condução das entrevistas e a maior quantidade de informação possível. Por cada termo desconhecido, pedia que explicassem

a sua utilidade. Exemplos disto são descrições de “...como se arma uma horta”, ou seja “... como se prepara para ser regada” ou expressões como “Há pessoas que regam à manadia”, isto é, “de qualquer maneira”. Outros exemplos de vocábulos desconhecidos do público em geral são palavras como “cegonha, reguêra, mestra, travessas e camalhões”, tudo elementos constituintes da rega, desconhecidos do público que iria visitar o Museu por não fazer parte do seu contexto linguístico e da tipologia de unidades lexicais do seu dia-a-dia. No caso da utilização destes termos, utilizei uma estratégia museográfica que acompanhava todas estas palavras desconhecidas de imagens ilustrativas ou de objetos. No momento da escolha das peças a expor no espaço museológico, tive o cuidado de escolher peças que “contassem ou tivessem histórias associadas”, de maneira a criar uma maior proximidade com os habitantes da região e dos públicos visitantes. São exemplos destas peças uma nora (engenho ou aparelho para tirar água de poços, rios ou cisternas) e uma bomba de tirar água, bem como recipientes de transporte de água e ferramentas de trabalho. Utilizei técnicas de construção multimodal (palavra / audiovisual), preocupando-me com as questões da associação da imagem aos recursos linguísticos mais apropriados.

2.2 Programação cultural: espetáculos e exposições de arte contemporânea

Depois de os Serviços Educativos estarem devidamente estruturados e enraizados na dinâmica do Museu Municipal de Loulé e da criação do Pólo Museológico da Água, comecei a trabalhar na parte de programação e produção de espetáculos no concelho de Loulé. Tive sempre uma preocupação em programar espetáculos interessantes para o contexto sociológico e que despertassem o interesse e participação dos públicos, sem nunca esquecer a diversidade de públicos residentes nas diversas freguesias do concelho de Loulé. Aquele concelho acolhe cerca de 15% da população algarvia, sendo o primeiro concelho em termos geográficos, no entanto com uma baixa densidade populacional, em virtude do fraco povoamento da área da serra e da sua grande extensão territorial na faixa interior. É o mais extenso e populoso município algarvio, com 763,67 km² de área e 70 622 habitantes, subdividido em 9 freguesias (Câmara Municipal de Loulé, s/d.). Fazer uma programação cultural neste concelho tornou-se um enorme desafio pois o território e público são muito vastos e heterogéneos, com freguesias desde o litoral ao interior, verificando-se uma diversidade linguística e cultural grandes, muito díspar entre o litoral, o barrocal e o interior. Refiro-me a uma distribuição da população e a uma atividade

económica profundamente assimétrica, gerando diferenças de desenvolvimento muito significativas. Falo de um litoral mais jovem, populoso, urbano, dinâmico, multilingue e multicultural e economicamente robusto e com mais acesso a centros culturais, bibliotecas, exposições, festivais, etc; e de um interior mais conservador, envelhecido, rural, estagnado e economicamente deprimido, com uma cultura popular tradicionalmente marcada. Por este motivo optei sempre por uma programação cultural eclética, com uma linguagem acessível e perceptível e que percorresse todas as freguesias e as suas diferenciações.

Na programação de espetáculos, trabalhei como intermediadora cultural, processo dinâmico que estabelece pontes entre diversas manifestações culturais, como o cinema, o teatro e a música, e os múltiplos públicos. Através desta prática promovi a interação e o diálogo com grupos com diferentes níveis culturais, desde os mais eruditos às pessoas menos habituadas a assistir a espetáculos. Tentei apresentar sessões de cinema, teatro e música que agradassem aos vários públicos, tendo sempre em atenção o caráter pedagógico e instrutivo da programação. Exemplos disso são eventos como o “Cinema nas freguesias”, onde se mostraram filmes de Charlie Chaplin pela primeira vez a tantas famílias; as “Ruas com vida”, que consistia em programar Teatro na Rua e “Música ao luar”, composto por concertos da Orquestra do Algarve realizados em espaços ao ar livre nas freguesias do concelho de Loulé.

Em 2007, um novo desafio se colocou e assumi a programação e produção das exposições da Galeria de Arte do Convento do Espírito Santo em Loulé, da Galeria de Arte da Praça do Mar em Quarteira, do Convento de Santo António em Loulé e do Centro de Experimentação e Criação Artística de Loulé. A programação e produção de exposições de arte contemporânea foi talvez a tarefa mais complexa do meu percurso profissional pois exigia um grande conhecimento da arte contemporânea que eu não possuía. Por este motivo, rodeei-me sempre de curadores e programadores experientes, que definiam discursos artísticos coerentes. A primeira fase na programação de uma exposição de arte contemporânea é a curadoria, com um papel fundamental na seleção das obras que vão ser expostas, procurando dar a conhecer ao público várias tipologias artísticas (escultura, pintura, vídeo, fotografia, etc). A função do curador é analisar as propostas que os artistas apresentam e a definição de um conceito curatorial que guiará o visitante pela exposição. O curador também deve levar em consideração o público-alvo e os objetivos da exposição ao selecionar as obras. Uma vez feita a seleção das obras, começa a fase da produção da exposição. Isso inclui a organização da parte logística, a

contratação de seguros, o desenho do espaço expositivo, o transporte das obras, e a montagem. Uma vez que a produção de uma exposição implica coordenação e comunicação entre o curador e o artista, tentei sempre que houvesse essa ligação, de modo a garantir o melhor resultado possível. A disposição das obras e a iluminação eram devidamente planeadas de modo a criar espaços imersivos e envolventes que salientassem as qualidades das obras e estimulassem a reflexão e o diálogo entre o visitante e o artista, criando experiências muito enriquecedoras. A divulgação junto da comunidade em geral e artística e do público escolar teve sempre um papel fulcral na programação das exposições. Uma comunicação eficaz foi fundamental para atrair visitantes e garantir que as exposições servissem o seu propósito: dar a conhecer a obra de um artista e aproximar o visitante das diferentes linguagens artísticas.

A interpretação de obras de arte contemporânea é um desafio devido à sua natureza complexa, dada a diversidade que a constitui através das mais variadas formas como pintura, escultura, vídeo, instalação, performance, arte digital, entre outras, o que dificulta a interpretação por parte dos visitantes. A arte contemporânea muitas vezes desafia as convenções tradicionais da arte, confundindo assim os visitantes. Uma vez que muitas obras de arte contemporânea dependem fortemente do seu contexto e conceito para serem compreendidas, entender as intenções do artista e o contexto histórico ou cultural em que a obra foi criada pode ser crucial para a interpretação, pois o que uma obra significa para um espectador pode ser muito diferente do que significa para outro, levando a interpretações muito divergentes. Dada a complexidade da interpretação da arte contemporânea, em todas as exposições senti a necessidade de produzir conteúdos escritos que ajudassem o visitante a compreendê-la o melhor possível. A produção de catálogos, textos introdutórios e explicativos, biografias dos artistas, visitas guiadas, conversas com artistas, bem como a legendagem bilingue, foram alguns dos recursos utilizados de modo a aproximar a exposição do visitante. Uma vez mais, foquei-me numa programação de qualidade, que trouxesse algo de novo aos visitantes, com uma preocupação pedagógica e de educação artística pela arte. Aí tive oportunidade de desenvolver atividades com artistas plásticos, como encontros, conversas e *workshops*, sempre com o intuito de facilitar o contacto entre a arte e o visitante. Exemplos disto são a co-produção das exposições de arte contemporânea do “*Allgarve*” (2007-2010) e a organização de um Curso Experimental de Arte Contemporânea “*Mobilehome*” (uma iniciativa destinada a artistas com formação ou atividade no campo das artes visuais) e

“*Mobilehome* Secundário” (curso de arte destinado a alunos do ensino secundário da área de Artes Visuais).

Ainda em 2013, tive a oportunidade de integrar a equipa que fez o acompanhamento técnico do projeto “Loulé Criativo e Espaço de Criatividade, Ofícios e Artes em Loulé”. Esta foi uma iniciativa que apostou na valorização da identidade do território louletano, tendo como base a criatividade e a inovação. A ideia era apoiar a formação e atividade de artesãos e profissionais do setor criativo, contribuindo para a revitalização das artes tradicionais e do património imaterial, criando uma programação que promovesse as artes e os ofícios, bem como uma mostra de termos relacionados com atividades artesanais em risco de desaparecerem cujos nomes são desconhecidos do público em geral, tendo alguns até já caído em desuso, tais como “abegão”, “albardeiro”, “correeiro”, “empalhador de cadeiras”, etc. Nestas unidades lexicais verifica-se uma variação linguística muito grande ao nível das diferentes regiões do Algarve. No entanto, não pude prosseguir e acompanhar a execução deste projeto, porque em 2014 um novo desafio surgiu no meu percurso profissional.

3 Experiência profissional na Universidade do Algarve

Em 2014, fui convidada para integrar a equipa do Gabinete de Comunicação e Protocolo, da Universidade do Algarve (GCP) e, através da mobilidade entre instituições, assumi o cargo de relações públicas e responsável pelo protocolo da Reitoria e pela organização de eventos. O GCP tem como principais competências a gestão da comunicação interna e externa; a consolidação da imagem institucional da Universidade e a divulgação dos projetos de investigação e de extensão junto dos meios de comunicação social e das entidades da região. Através de edições e de publicações, promove igualmente as boas práticas de ensino e investigação e a disseminação do conhecimento e da ciência. Também gere o portal da Universidade, estabelece as relações entre a Universidade e os órgãos de comunicação social e faz as notas de imprensa, a divulgação jornalística e a publicação de notícias. É ainda responsável pela participação em Feiras e Mostras de Ensino, gestão da Equipa UAlg, organização do Dia Aberto, Cursos de Verão, entre outras atividades, o que pode ser verificado no Portal da Universidade¹. É também no GCP que é produzida toda a informação contida nos folhetos (impressos e em formato

¹ <https://www.ualg.pt/como-podemos-ajudar-te> (acedido em 24 de julho de 2023)

digital) de divulgação dos cursos de todas as Unidades Orgânicas, nomeadamente na adequação ao principal público-alvo: os alunos do ensino secundário. Sendo este um trabalho de equipa, e não sendo a única autora, uma das minhas funções é adequar todos os materiais ao público brasileiro, com uma linguagem mais jovem e dinâmica (ver anexo 4). Apesar de os textos de divulgação dos cursos serem fornecidos pelos seus diretores, há um trabalho da parte do GCP na revisão e edição dos mesmos, com a preocupação de reformulação discursiva de modo a chegar com mais acuidade ao público-alvo.

3.1 Atividade de assessoria de protocolo e produção de eventos

Uma das minhas competências dentro da Universidade é a gestão do protocolo e cerimonial na organização dos eventos institucionais, como visitas oficiais, dias comemorativos, cerimónia de outorga de insígnias de doutor *honoris causa*, espetáculos culturais, entre outros. Segundo Fernandes:

“Entende-se protocolo como um sistema normativo, constituído por regras e preceitos que regem tanto a organização de eventos (de diversa natureza e dimensão) como, num sentido mais abrangente, as relações interpessoais em âmbito profissional. Estas regras e preceitos obedecem não só à legislação (internacional e nacional) como à cultura e às tradições de cada povo e organização. Assim, as regras de Protocolo aplicam-se nos eventos e, permanentemente, na comunicação em ambiente profissional. Integrando a comunicação, o Protocolo, simultaneamente, age sobre a comunicação, afigurando-se como um elemento indispensável no âmbito de um processo de partilha de informação eficiente, bem como no comportamento e na atitude que devem reger os relacionamentos interpessoais em âmbito profissional” (2016: 16).

O responsável de protocolo de uma instituição tem variadíssimas funções na organização de um evento numa Universidade. Numa primeira fase de planeamento tem de fazer o texto do convite, verificar os endereços de correio eletrónico (mailing list), ajudar a elaborar o programa e todo o material gráfico. A seguir, durante a fase da organização, tem de acompanhar o desenho dos palcos, dos planos de mesa e de sala. É também minha função enviar os convites para as cerimónias que são escritos e enviados em nome do Reitor, o que leva a ainda uma maior preocupação no rigor da escrita, e respeito por formas de tratamento e preceitos protocolares. O ato de convidar é da responsabilidade do anfitrião, podendo ser verbal, enviado por correio eletrónico, ou impresso, consoante o número de convidados, a tipologia do evento e o grau de

formalidade. Por exemplo, no caso de um convite dirigido a toda a comunidade académica (docentes, funcionários e alunos), o convite é enviado por correio eletrónico, mas no caso de um convite para uma cerimónia de outorga de um doutoramento *honoris causa*, e sobretudo para as entidades externas e convidados no novo doutor, o convite já será impresso e enviado pelo correio. No entanto, e em qualquer uma das situações o convite deve ser sempre bem apresentado, ter um bom grafismo e extrema correção e o *design*, o tamanho, a gramagem e tipo de papel são aspetos importantes. São inúmeros os cuidados que tenho que ter: os convites não devem conter a palavra “Convite” e deve ser sempre o anfitrião a convidar e nunca a entidade (“O Reitor da Universidade, Paulo Águas, convida...”, e não “A Universidade do Algarve convida...”) e os convites não devem ser assinados nem datados. Também o tipo de discurso é diferenciado. Se me estou a dirigir a um aluno, uso a expressão «Caro(a) Estudante», se me estou a dirigir a um docente, uso «Caro(a) Docente», se me estou a dirigir a uma entidade oficial, uso «Exmo.(a) Senhor(a)», se me estou a dirigir a uma entidade religiosa (Padre), uso «Reverendíssimo Senhor Padre», se me estou a dirigir a um militar (comandante da GNR), uso «Exmo. Senhor Comandante do Comando Territorial de Faro» e se me estiver a dirigir a uma entidade política, uso «Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia da República Portuguesa». O texto do convite deve ser breve e conciso, de modo a que não restem dúvidas para que situação estamos a convidar, tendo sempre o cuidado de não correr o mínimo risco de induzir o convidado em erro. Por isso, questões como a data, o local e a hora do evento, jamais podem surgir imprecisas num convite, devendo ainda ter indicações de contactos e prazos para resposta, bem como informação do vestuário a utilizar (dress code). Exemplo de um texto de convite enviado a uma entidade oficial:

«O Reitor da Universidade do Algarve, Paulo Águas, tem a honra de convidar V. Exa para estar presente na cerimónia comemorativa do Dia da Universidade do Algarve, que terá lugar no dia 11 de dezembro de 2023, pelas 16h00, no Grande Auditório Caixa Geral de Depósitos, do *Campus* de Gambelas.

R.S.F.F | até dia 21 de novembro | protocolo@ualg.pt | 289 800 073

Fato escuro ou traje académico».

Exemplo de texto de um convite dirigido a um aluno:

«O Reitor da Universidade do Algarve, Paulo Águas, tem o prazer de convidá-lo(a) para estar presente na cerimónia comemorativa do Dia da Universidade do Algarve,

que terá lugar no dia 11 de dezembro de 2023, pelas 16h00, no Grande Auditório Caixa Geral de Depósitos, do *Campus* de Gambelas.

Por favor confirme a sua presença preenchendo o formulário [aqui](#).

Fato escuro ou traje académico».

A *mailing list* é uma lista de nomes e contactos, títulos, cargos, entidades, endereços postais, contactos telefónicos e de email, que deverá estar sempre atualizada. É esta lista que me permite personalizar o envio de uma grande quantidade de convites com o título, o nome, o cargo e a instituição, de modo a que os convidados recebam o convite personalizado e em seu nome. Habitualmente um convite é dirigido a alguém que tem um cargo numa entidade, pela seguinte ordem: Exmo.(a) Senhor(a) + cargo + instituição + título + nome, exemplo: Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Faro, Dr. Rogério Bacalhau e se for a uma personalidade: Exmo.(a) Senhor(a) + título + nome, exemplo: Exma. Senhora Dra. Lídia Jorge.

Também o programa de um evento tem um modo próprio de se apresentar. Coloca-se o nome da comunicação e o nome do orador por baixo. Habitualmente o nome não aparece antecedido do título académico, aparecendo apenas o nome e a afiliação.

Alguns exemplos:

«Sessão de abertura

Paulo Águas, Reitor da Universidade do Algarve

O estado do Ensino Superior no nosso país

Elvira Fortunato, Ministra da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior»

Num evento, o papel do Mestre de Cerimónias é também muito importante para o sucesso do mesmo. O Mestre de Cerimónias é aquele que, seguindo a leitura do guião da cerimónia, guia o evento, apresenta os convidados e vai dando indicações de quem fala. Este deve conter uma mensagem de boas-vindas e de despedida, deve explicar o conteúdo do evento, ser breve e sucinto e evitar repetições, nomeadamente nas construções verbais que dão a palavra. Exemplos: “Vai agora tomar da palavra a ...; Passo desde já a palavra a...; Chamo ao palco para falar...». São variadas as vezes em que tenho este papel. Nessas situações preocupo-me em escrever o guião de forma clara e em fazer antecipadamente a leitura do mesmo, a fim de evitar erros na leitura, como por exemplo ao pronunciar o nome de um convidado estrangeiro. A este propósito referem Mateus e Cardeira:

“O Português que falamos e escrevemos, durante o período limitado da nossa vida, varia consoante a nossa idade, a região, o grupo social ou profissional a que pertencemos e, até, as circunstâncias em que comunicamos. Não escrevemos como falamos e falamos de forma diferente conforme as pessoas a que nos dirigimos. Quer isto dizer que a língua tem, a cada momento, a faculdade de escolher uma entre todas as variantes possíveis” (2007: 55).

Ainda na leitura do guião de cerimónia adapto o meu tom de voz ao evento em questão, como por exemplo, para uma cerimónia oficial ou de grande formalidade tenho um tom de voz mais solene, enquanto numa cerimónia só com alunos já poderei utilizar um tom de voz mais descontraído. Tenho sempre a preocupação de ter uma boa dicção e um bom tom de voz, sendo determinada, clara, objetiva e com um bom ritmo no discurso. Recorro uma vez mais aos meus conhecimentos de Ciências da Linguagem, através da utilização de suportes extralinguísticos, como os gestos e postura corporal, e paralinguísticos, como a minha entoação de voz.

Na organização de um evento sou ainda responsável por sentar as entidades no lugar adequado (seating), para o qual é indispensável consultar a legislação protocolar em vigor. De realçar o rigor necessário na organização dos convidados, respeitando as precedências académicas e a Lei das Precedências do Protocolo do Estado Português (Lei nº40/2006, de 25 de agosto). Esta lei dispõe sobre a hierarquia o relacionamento protocolar das altas entidades, aplicando-se não só em cerimónias oficiais, como em qualquer cerimónia que tenha como convidadas altas entidades públicas. É de execução obrigatória e um excelente instrumento de trabalho que me permite hierarquizar e organizar os convidados presentes nas cerimónias. Mas o meu papel não se esgota aqui, prestando, durante as cerimónias, todo o apoio para resolver qualquer imprevisto como por exemplo, lidar com ausências e substituições. Resumindo, o protocolo é fundamental desde que se começa a desenhar o evento até ao momento em que o último convidado deixa a sala.

Os conhecimentos em Ciências da Linguagem e a proficiência linguística desempenham um papel fundamental na organização de eventos, sendo ferramentas indispensáveis para garantir o sucesso e eficácia na organização de qualquer cerimónia, encontro, conferência ou exposição. Possuir competências em Ciências da Linguagem na organização de eventos, de forma vasta e multifacetada, abrangendo diversas áreas, como a comunicação, a interação social, o nível de língua adequado, a eficácia da mensagem, o rigor e a acessibilidade, garantem que a comunicação seja eficiente, inclusiva, contribuindo assim para o sucesso e a qualidade dos mesmos. Para uma melhor inclusão dos participantes com diferentes necessidades linguísticas, como convidados estrangeiros,

indivíduos de diferentes faixas etárias ou diferentes níveis culturais, ou com necessidades especiais (como os não ouvintes), utilizo estratégias que incluem tradução, legendagem, ou adaptação de programas para os diferentes públicos e mobilizo, se necessário, colaboradores especializados nessas áreas.

Na organização das cerimónias protocolares, o Gabinete de Comunicação e Protocolo da Universidade do Algarve trabalha em conjunto com os outros serviços da UAlg, numa complementaridade de funções, superiormente orientados pela Reitoria. Seguidamente irei apontar alguns procedimentos seguidos pelo GCP no âmbito das funções que lhe foram atribuídas pelo Regulamento Orgânico dos Serviços da Universidade do Algarve. São linhas de ação de carácter geral que se adotam no tratamento das diferentes fases de duas cerimónias na UAlg e que estão presentes num *Manual de Procedimentos da UAlg* que tenho estado a construir mas que ainda não foi publicado. Escolhi dois eventos para apresentar: a outorga de insígnias de doutor *honoris causa* e a comemoração do Dia da Universidade do Algarve. São duas situações concretas e reais e para as quais se procuraram identificar os melhores mecanismos na concretização das mesmas. Uma vez que a elaboração destes procedimentos visa contribuir para a melhor gestão dos recursos, promover a motivação e desenvolver competências nesta área, as linhas de atuação que apresentarei de seguida, estão em constante atualização e avaliação.

A Universidade do Algarve outorga o grau de doutor *honoris causa* quando se comprova a aptidão para a realização de uma contribuição inovadora e original para o progresso do conhecimento, um alto nível cultural numa determinada área do conhecimento e a aptidão para realizar trabalho científico independente. Por vezes, a Universidade homenageia personalidades que não estão diretamente ligadas ao saber científico, mas reconhece que atos, obras e vida de uma pessoa atingem e ultrapassam o melhor que nela se consegue. A Instituição associa-se à excelência que determinada pessoa alcançou na sua área de saber, na sua profissão, no serviço prestado à comunidade.

A outorga do doutoramento *honoris causa* é uma cerimónia académica com uma grande dimensão protocolar. Os seus preparativos iniciam-se cerca de um mês antes da data prevista da sua realização, com reuniões preparatórias com a Reitoria. De acordo com um programa preliminar da cerimónia e da permanência do homenageado e do seu padrinho na Universidade do Algarve, estabelecem-se os primeiros contactos com o próprio ou com a sua família e paralelamente, com os outros serviços de apoio à realização do evento. Nestes primeiros contactos, normalmente por correio eletrónico, utilizo uma escrita cuidada e adequada à formalidade da situação. Solicita-se uma lista de

familiares e convidados do homenageado e do padrinho a incluir na lista de endereços (mailing list) da UAlg para esta cerimónia. Envia-se o texto do diploma aos Serviços Académicos, já traduzido para latim, de acordo com um texto original executado pelo grupo de trabalho que apresentou a proposta de outorga do grau de doutor *honoris causa*. Aos Serviços de Aprovisionamento e Património requisita-se uma medalha da Universidade, as insígnias, a fita da cor da área científica do novo doutor, a fita azul e o lacre. Após aprovação do programa junto da Reitoria, solicita-se a elaboração de convite, juntos dos Serviços de Design, bem como de todas as peças necessárias (menu, plantas, cartões de mesa, etc). Enviam-se os convites (ver anexo 2) para a lista de endereços (mailing list) da UAlg e para as listas internas de docentes, funcionários e alunos, e prepara-se um plano com os lugares sentados (seating) na cerimónia de acordo com a lista de precedências referentes ao cerimonial académico (membros que integram o cortejo académico, entidades oficiais, comunidade académica, comunicação social e outros). Organiza-se o palco, bem como o 1º andar do Auditório para receção dos docentes que integram o cortejo. O cortejo académico inicia-se na sala do 1º andar do Auditório, com os doutores da UAlg, Reitores, docentes de outras universidades e personalidades convidadas. Os docentes deverão usar o traje académico, com as insígnias doutorais e os chapéus na cabeça, dirigindo-se para o Auditório numa ordem específica. O cortejo inicia-se com dois alunos que transportam as insígnias; segue-as a Mestre de Cerimónias e atrás seguem os professores, alinhados dois a dois, por ordem crescente de categoria das Universidades. Por último, segue o Reitor da UAlg, o novo doutor e o padrinho. A Mestre de Cerimónias abre a sessão e dá a palavra ao Reitor, seguidamente dá a palavra ao padrinho e no final do discurso impõem-se as insígnias doutorais. A Mestre de Cerimónias convida o novo doutor a intervir. E no final encerra a sessão em nome do Reitor.

Uma vez mais posso concluir que os meus conhecimentos em Ciências da Linguagem muito têm contribuído para um bom desempenho da minha vida profissional, nomeadamente ao nível da organização de eventos. O cuidado com a escrita, a adequação linguística às diferentes tipologias de convidados (alunos, entidades oficiais, etc), e a comunicação de forma clara e eficaz garantiram que os eventos decorressem sempre sem grandes transtornos.

A cerimónia comemorativa do dia da Universidade do Algarve comemora-se a 11 de dezembro (dia oficial da Universidade do Algarve) caso este dia seja a uma quarta-feira. Se não for, comemora-se na quarta-feira seguinte. Nesta cerimónia reúne-se a

comunidade académica para festejar a criação da Universidade, agradecer o contributo profissional dos seus funcionários e premiar o esforço de docentes e alunos na construção do saber. Intervêm na cerimónia o Presidente do Conselho Geral e, a convite do Reitor, um representante dos docentes, um dos funcionários e outro dos alunos. É feita a entrega da medalha da Universidade aos funcionários técnicos e administrativos que cumprem 25 anos ao serviço da mesma, a entrega de diplomas aos novos doutores e a entrega de título de Professor Emérito, caso se justifique. No final é proferida uma Oração de Sapiência por uma personalidade convidada ou, desde que se criou o *Prémio Manuel Gomes Guerreiro*, tem havido lugar a um discurso do premiado. A última intervenção é a do Reitor.

À semelhança do evento referido anteriormente, também neste é necessário todo o acompanhamento da execução das peças pelos *designers*, atualização dos livros de endereços (mailing list) e envio dos convites para as listas internas de docentes, funcionários e alunos, em bilingue (português e inglês), uma vez que temos muitos docentes e alunos internacionais e se entendeu que por serem internacionais são falantes de inglês e que também queremos que participem na cerimónia (ver anexo 3), bem como todas as questões técnicas e logísticas associadas a uma cerimónia deste tipo. Uma vez mais o conhecimento em Ciências da Linguagem revelou-se um instrumento muito importante na organização dos eventos, nomeadamente na importância da adequação da linguagem aos diversos públicos, nomeadamente através da tradução de textos, de modo a alargar o número de intervenientes convidados nas cerimónias.

Outra das minhas funções é apoiar a Reitoria quando há visitas oficiais. São momentos em que o Reitor da Universidade do Algarve recebe uma alta entidade pública portuguesa ou estrangeira. É um momento muito importante numa Universidade pois simboliza um reforço bilateral e estreitamento das relações científicas e de intercâmbio com esse organismo, essa instituição ou país. Uma alta entidade pública, em visita à Universidade do Algarve, deve ser recebida pelo Reitor. A receção deverá ser feita junto à viatura, pelo Reitor. Deverá ir sozinho ou acompanhado pela equipa Reitoral, e ainda, se for o caso, pelo Presidente da Câmara Municipal de Faro. Só de seguida o Reitor deverá encaminhar o convidado para uma segunda linha de cumprimentos, onde estarão os restantes membros da Reitoria e demais responsáveis presentes, como diretores de unidades orgânicas, presidentes de conselhos científicos e técnico-científicos, presidentes de conselhos pedagógicos, diretores de centros de unidades de investigação, e proceder às devidas apresentações. O Reitor deverá acompanhar toda a visita do convidado. Deverá

haver lugar no programa para a assinatura do *Livro de Honra* da Universidade do Algarve e para a entrega de um presente institucional. Sempre que possível, coloca-se a bandeira do país visitante ou organismo na sala onde decorre a receção. Este é um ato de cortesia e simpatia para com quem nos visita. Nas refeições oferecidas, é sempre tido em conta o menu e as restrições alimentares de cada cultura, devendo ser respeitadas as diferentes especificidades culturais e agir com o máximo cuidado e cortesia face às diferenças, exemplos de aplicação de protocolo multicultural. A nível internacional existem muitas regras que devemos conhecer para não criar barreiras na comunicação com os nossos convidados estrangeiros. O ideal é pesquisarmos e informarmo-nos sobre a cultura do país que iremos receber, pois o que é apreciado num país, poderá ser rejeitado noutro. Por exemplo, em Itália é frequente tratar uma pessoa pelo título académico seguido do apelido; em França o primeiro nome não é usado nos contactos comerciais; e nos Estados Unidos convém perguntar como a pessoa prefere ser chamada, para evitar constrangimentos. A regra é termos respeito absoluto pela diferença mesmo em caso de discordância, não fazendo julgamentos nem generalizações. Sabemos ainda que no Brasil dão muita importância aos títulos académicos, sendo até normal usar um título académico sem o ter; em Angola a palavra “Excelência” é vulgarmente utilizada; na China usam primeiro o apelido e só depois o nome; no Japão existem diferentes formas de falar entre os homens e as mulheres, os jovens e os idosos, bem como modos diversos de se dirigirem a superiores hierárquicos, clientes, amigos ou familiares. Ainda no Japão as regras de apresentações pessoais e de cumprimentos devem ser rigorosamente seguidas, a troca de cartões-de-visita é essencial e os títulos utilizados são “Mr.,” “Mrs.” e “Miss” seguidos do apelido. Como técnica de protocolo cabe-me a mim alertar para todas estas questões linguísticas e culturais, recorrendo uma vez mais aos conhecimentos adquiridos na área das Ciências da Linguagem.

Cabe ao Gabinete de Comunicação e Protocolo a função de organizar estas visitas. O ato de receber bem um visitante passa essencialmente por haver uma boa comunicação. Falar na língua do convidado, ou pelo menos inglês, é um fator primordial. Também deverão ser traduzidos para a língua do convidado visitante todos os materiais gráficos como o convite, o programa do evento, as placas de identificação, entre outros.

Os preceitos do protocolo não se aplicam exclusivamente à organização e ordenação de entidades e símbolos, justificando-se a sua aplicação na oralidade e na escrita. Aplico-os no meu dia-a-dia, na comunicação interpessoal, escrita e verbal, em contexto profissional. O estatuto de uma personalidade deve ser respeitado quando se lhe

dirijo, pelo que o rigor no tratamento, quer na oralidade quer na escrita, deverá ser exímio. Com base nos conhecimentos em Ciências da Linguagem, adaptei o meu modo de escrever, tornando-me mais atenta a questões de variação linguística, tendo o cuidado de adequar a minha escrita aos diversos destinatários. Se a escrita habitualmente já requer uma preocupação na sua produção, em contexto protocolar este cuidado eleva-se a uma exatidão máxima. Qualquer documento escrito em contexto profissional deverá ter um rigor total ao nível do conteúdo, da correção da escrita e da pontuação. Escrever de forma gramatical e lexicamente correta: sem utilizar calão ou gíria; procurar sinónimos para evitar repetições excessivas; expressar-me em termos positivos; utilizar os verbos no tempo presente; utilizar linguagem simples e acessível, sem empobrecer o discurso, e argumentar com lógica e encadeamento, são apenas alguns dos exemplos por mim utilizados. Tanto na escrita como na oralidade procuro ter o máximo de cuidado e rigor no tratamento de uma personalidade, respeitando o estatuto quando a ela me dirijo. Assim, tendo em conta o estatuto da entidade, aplico os corretos tratamentos e títulos. No tratamento em contexto profissional, o seu início deverá ser sempre o tratamento por “Senhor ou Senhora D.”, acrescidos de nome e apelido, ou só de apelido, não sendo de todo aconselhável a expressão “Senhor António”, mas sim “Senhor António Silva”. Será de salientar que o termo feminino “Senhora” deverá ser sempre acompanhado do termo “D.”. Deve este termo estar abreviado na linguagem escrita, uma vez que “Dona” por extenso é aplicado apenas a títulos nobiliárquicos. Também na versão masculina, os termos “Dom” ou “D.” se aplicam apenas a cargos nobiliárquicos ou no tratamento a personalidades eclesiásticas.

Com frequência tenho que enviar convites por correio eletrónico, aplicando assim os corretos tratamentos e títulos na escrita, no que diz respeito a títulos académicos. Em Portugal atribui-se o título de Dr./ Eng./ Arq. a quem obteve um grau académico de licenciado. O título de “Mestre” destina-se a quem conclui um Mestrado e durante a realização do mesmo designamos a pessoa por “Mestrando”. O título de “Doutor” é atribuído a quem concluiu um doutoramento e também durante a respetiva realização se designa de “Doutorando”. A expressão “Professor Doutor” fica reservada a docentes do ensino superior que, além de terem obtido o grau académico de doutor, sejam também docentes do ensino superior.

Outros exemplos de tipos de tratamentos por mim muito utilizados são os tratamentos honoríficos aplicáveis aos detentores de determinados cargos. Se me dirijo a um Embaixador, utilizo por exemplo “Excelentíssimo Senhor Embaixador do Reino de

Marrocos”, se me dirijo a um Cardeal, utilizo “Eminência Reverendíssima”, se me dirijo a um Reitor, utilizo “Magnífico Reitor”; e se me dirijo a um Juiz, uso “Meritíssimo Juiz”; entre outros. Têm direito ao tratamento de “Excelência” as três principais figuras do Estado: Presidente da República, Presidente da Assembleia da República e Primeiro – Ministro. Fernandes apresenta os seguintes exemplos de tratamento protocolar:

“Presidente da República

- Na linguagem verbal: Senhor Presidente
- Na saudação em correspondência: Senhor Presidente da República Portuguesa, Excelência

ou

- Excelentíssimo Senhor Presidente da República Portuguesa

No discurso indireto escrito: Sua Excelência o Presidente da República ou o Excelentíssimo Senhor Presidente da República

- No endereço na correspondência: Ao Exmo. Senhor | Chefe da Casa Civil de Sua Excelência O Presidente da República + identificação completa” (2016: 48).

3.2 Atividade de formadora

A par da minha atividade como técnica superior na Universidade, continuo ligada ao ensino. Tenho tido a oportunidade de dar formação profissional a público adulto, normalmente profissionais ativos que veem na formação profissional uma mais-valia para os seus percursos de vida. Gosto particularmente de o fazer, pois o facto de ter prática profissional permite-me partilhar melhor o meu conhecimento. Também ao nível da docência na universidade, sou assistente convidada na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da UAlg, onde leciono a unidade curricular de Organização de Eventos e Protocolo. Também aqui partilho a minha experiência profissional e contribuo para a formação de técnicos superiores profissionais de Secretariado Executivo.

Na minha atividade de docência, tanto na formação inicial com na formação ao longo da vida, recorro a diversos aspetos das Ciências da Linguagem, sobretudo na adequação da terminologia e registos discursivos nos diferentes contextos.

3.2.1 A unidade curricular de Organização de Eventos e Protocolo

Em 2018, lecionei a unidade curricular de Protocolo às licenciaturas em Turismo, Marketing e Gestão Hoteleira e no presente ano letivo encontro-me a lecionar a unidade curricular de Gestão e Organização de Eventos e Protocolo, no Curso Técnico Superior Profissional de Secretariado Executivo. O facto de trabalhar na área de Organização de Eventos e Protocolo levou-me a complementar a ficha de unidade curricular com aspetos que achei de suma importância resultantes da minha prática profissional e de que são exemplos: as precedências no Estado Português; a lei nº 40/2006 e a sua aplicação; os símbolos nacionais e a colocação e ordenação de bandeiras; o protocolo na comunicação escrita e verbal e os tratamentos protocolares; a informação do vestuário a utilizar em determinadas situações (dress code) e a linguagem corporal; e o protocolo multicultural.

Nas aulas procuro utilizar exemplos práticos da minha vida profissional, recorrendo muitas vezes ao “*storytelling*” para contar histórias do meu dia-a-dia, de modo a melhor exemplificar as matérias que estou a lecionar. Mais que uma mera narrativa, “*storytelling*” é a arte de contar histórias usando técnicas inspiradas em roteiristas e escritores para transmitir uma mensagem de forma inesquecível. Esta estratégia leva a uma melhor assimilação dos conteúdos, pois utilizo uma vez mais suportes extralinguísticos como os gestos e postura corporal e paralinguísticos, como a minha entoação ao imitar a voz dos intervenientes da história. Para o fazer é preciso dominar as técnicas retóricas da estrutura narrativa que vá cativando o interesse e mantendo a atenção dos ouvintes. São estes aspetos inequivocamente sustentados em conhecimentos de Ciências da Linguagem que tenho que mobilizar.

3.2.2 A formação profissional: Eventos e Protocolo

Entre 2018 e 2019 dei formação profissional na área de Organização de eventos e protocolo empresarial na Associação Nacional de Jovens Empresários - ANJE e no NERA – Associação Empresarial da Região do Algarve. Tive como formandos os mais diversos tipos de público e a cada grupo tive de adaptar o meu discurso conforme as necessidades. Exemplos disto foram as diferentes abordagens feitas, consoante os formandos tinham experiência nas áreas de Turismo, de Gestão, de Secretariado, de Organização de Eventos, etc. A procura de formação profissional em organização de eventos e protocolo é uma escolha cada vez mais frequente para aqueles que desejam

trabalhar nessa área. É uma área que envolve o planeamento, a coordenação e a execução de eventos de diferentes tipologias, desde a organização de conferências, palestras, workshops, até à organização de festas e casamentos. A formação nesta área é essencial para desenvolver os conhecimentos necessários para organizar eventos, que requerem um planeamento atempado e rigoroso.

O planeamento de projetos de organização de eventos passa pela concetualização, pela realização de estudos de viabilidade, planeamento geral, planeamento detalhado, estabelecimento de planos de contingência, gestão do evento e noções de protocolo, parte fundamental deste processo, abrangendo as regras e normas de etiqueta e conduta em eventos com algum grau de formalidade.

Como formadora, tive, uma vez mais, de ter em conta a capacidade de adaptar a linguagem e as necessidades comunicativas aos diferentes tipos de formandos, nomeadamente ao nível de conhecimentos prévios sobre os assuntos. Tentei comunicar de forma clara e eficaz de modo a garantir que as informações fossem compreendidas e assimiladas por todos os envolvidos. Para conhecer os formandos, tive o cuidado de realizar testes diagnóstico para ter em consideração o nível de conhecimento e experiência que cada um possuía na área de organização de eventos e protocolo. Alguns podiam ser inexperientes e estar a contactar com os conteúdos e nomenclaturas pela primeira vez, enquanto outros podiam já ter experiência prévia ou mesmo serem profissionais da área. Exemplos de vocábulos estrangeiros que podem ser desconhecidos de quem não trabalha na área são os anglicismos tão presentes no mundo da organização de eventos, como *back stage* que eu traduzo como “tudo o que está atrás do palco”, *check-list* que eu simplifico para “lista de confirmações”, ou *foyer* mais conhecida por “receção ou entrada de uma sala de espetáculos”. Verifico assim, que consoante os conhecimentos prévios sobre o tema que o formando tem, assim poderei utilizar termos mais ou menos técnicos ou traduzi-los para português.

3.3 Divulgação da Universidade do Algarve e Relações Públicas

A comunicação é, atualmente, uma das bases estratégicas da Universidade do Algarve. Tem como missão disseminar o conhecimento produzido na academia e dar a conhecer-se com vista à captação de novos alunos. Neste sentido, o Gabinete de Comunicação e Protocolo da Universidade do Algarve tem como principais competências a gestão da comunicação interna e externa e a consolidação da imagem institucional da

Universidade. É também responsável pela divulgação da oferta formativa em feiras de ensino e em escolas básicas e secundárias em Portugal e no estrangeiro. Com vista a promover a imagem institucional da Universidade do Algarve e a divulgar a oferta formativa, participo frequentemente em palestras, feiras e eventos nacionais e internacionais.

3.3.1 A nível nacional

O GCP participa em Feiras Nacionais de Estudantes e divulgação da oferta formativa nas escolas secundárias em Portugal. Está presente em feiras de âmbito regional e nacional e privilegia a divulgação de toda a oferta de formação inicial (Cursos Técnicos Superiores Profissionais, Licenciaturas e Mestrado Integrado) esclarecendo as dúvidas de potenciais candidatos à UAlg. São exemplos de Feiras nacionais: Feira da Juventude, Feira da Dieta Mediterrânica, Futurália, Feira Opto – Fórum de Educação e Formação do Algarve, Março Jovem, Feira da Inclusão Social, entre outras. O GCP organiza ainda, anualmente, um plano de divulgação nas escolas secundárias do Algarve e Alentejo que consiste na presença da UAlg em formato de banca informativa com distribuição de material promocional e atendimento personalizado em que os alunos podem esclarecer as suas dúvidas relativas a cursos e ao ensino superior em geral.

Junto dos alunos das escolas secundárias utilizo um registo discursivo mais descontraído e informal. Nestas situações procuro utilizar expressões mais próximas da fala do quotidiano dos jovens e de um contexto coloquial, comumente usadas em situações informais, como conversas entre amigos, mensagens de texto, redes sociais e blogs pessoais. Utilizo o tratamento por “tu” de modo a passar uma imagem mais jovem da instituição e a criar proximidade. Verifiquei também que o facto de estar acompanhada por alunos da UAlg, mais próximos das idades dos futuros candidatos, permite que os estudantes das escolas secundárias se identifiquem melhor, provavelmente pela proximidade da idade e pela tipologia do discurso. Além das visitas às escolas, disponibilizamos ainda um conjunto de palestras intituladas “Decide por ti: escolhe a UAlg”, que consiste na realização de várias sessões de esclarecimento sobre a oferta formativa da Instituição, asseguradas pelo GCP e pelos Serviços Académicos da UAlg, seja em modo presencial ou virtual. Destas sessões destacam-se as palestras “9º ano e agora?”, palestra informativa sobre as áreas de ensino, tipologia de cursos, saídas profissionais e empregabilidade; “Não stresses! Vem estudar onde é bom viver”, palestra

dividida por áreas de ensino da UAlg e de interesse dos estudantes, onde são abordadas questões relacionadas com formas de ingresso no ensino superior, valor das propinas, alojamento e bolsas, mobilidade, atividades desportivas, culturais e de lazer; “Acesso ao ensino superior: tudo o que precisas de saber”, palestra de esclarecimento das várias formas de acesso ao ensino superior, procedimentos e outras informações relevantes e “Sou aluno de um curso profissional e vou para a universidade”, palestra de esclarecimento sobre os concursos especiais de ingresso no ensino superior para titulares dos cursos de dupla certificação do ensino secundário e cursos artísticos especializados e sobre os procedimentos e outras informações relevantes no acesso às licenciaturas e Cursos Técnicos Superiores Profissionais. Em todas estas palestras há uma preocupação na adequação do nível de linguagem de alguns termos aos diferentes públicos, de modo a melhorar a perceção por parte dos alunos, cativando a sua atenção e preferencialmente o seu interesse em vir a frequentar a instituição.

3.3.2 A nível internacional

O GCP participa em Feiras internacionais, realiza “*Webinars*” para captação de estudantes internacionais e produz material de divulgação com linguagem adaptada aos diferentes públicos. Irei focar-me mais no público de nacionalidade brasileira.

A Universidade do Algarve recebe estudantes internacionais para frequência de um ciclo de estudos de licenciatura (graduação) e mestrado integrado ao abrigo do Estatuto de Estudante Internacional, desde o ano de 2015. Neste momento 20% dos estudantes da UAlg são estrangeiros, sendo metade de nacionalidade brasileira. A presença da UAlg em Feiras Internacionais no Brasil, mas não só, tem como principal objetivo estabelecer contactos com alunos internacionais interessados em estudar em Portugal. Irei focar-me mais nas Feiras realizadas no Brasil por serem aquelas onde tenho estado mais implicada. Nessas Feiras são apresentadas novidades de formação, designadamente licenciaturas, pós-graduações, mestrados e doutoramentos. Durante as feiras há ainda a oportunidade de explicar aos visitantes como é estudar e viver no Algarve, abordando questões como o custo de vida, duração dos cursos e formas de acesso, ao abrigo do Estatuto do Estudante Internacional. Exemplos disto são a minha participação em Feiras como o Salão do Estudante, Portugal 360 e visitas a colégios no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Além destas ações presenciais, a UAlg realiza ainda “*Webinars*” sobre “Estudar em Portugal”, que são sessões de esclarecimento direcionadas a estudantes brasileiros

titulares ou que estejam a frequentar cursos do ensino médio brasileiro e que tenham realizado ou que vão realizar, no futuro, o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), ou equivalente (vestibular) e que queiram vir estudar para Portugal, entrando num curso de licenciatura ou mestrado integrado na UAAlg. Estes “*Webinars*” têm-se revelado uma ferramenta importante no esclarecimento de dúvidas, à distância, sobre todo o processo de candidatura, bem como sobre a vida em Portugal e mais especificamente no Algarve. Adiante detalharei questões linguísticas e comunicativas que esta interação tem levantado e que tenho tentado debelar.

4 Síntese

O meu percurso profissional terá sido até agora suficientemente variado e enriquecedor para que me alimente a têmpera de o continuar. Comecei por dar aulas, mas não prossegui na carreira de ensino, facto que me provocou um sentimento de alguma desilusão por não a ter seguido. No entanto, o trabalho nos Serviços Educativos do Museu na Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Loulé, onde desempenhei funções de carácter pedagógico e criativo, animou o meu percurso e os problemas que iam surgindo, nomeadamente ao nível linguístico, como por exemplo a necessidade de simplificação da linguagem nas atividades no Museu, tornaram-se desafios ultrapassáveis que foram contribuindo para a minha realização profissional. Também o contacto com a programação cultural e produção de exposições foi uma experiência apaixonante uma vez que o trabalho realizado nas diferentes freguesias de Loulé e com públicos tão díspares a nível cultural, foi extremamente gratificante. A segunda parte do meu percurso, na Universidade do Algarve, tem sido também muito enriquecedora. O permanente contacto com as camadas mais jovens e estrangeiras e a necessidade de comunicar de maneira apelativa, tem sido um desafio muito grande e é inequívoca a necessidade de mobilização e adaptação de conhecimentos de natureza hipotética que emergem das diferentes interações.

CAPÍTULO III – O caso da variação linguística

1 Introdução

Uma das questões levantadas que mais problemas me tem levantado nos tempos mais recentes do meu percurso é a problemática da comunicação quando interajo com falantes de Português do Brasil, seja presencialmente, seja através de “*Webinars*”. Uma vez que uma das grandes apostas da Universidade é a atração de alunos internacionais, nomeadamente estudantes brasileiros, é este o mercado mais trabalhado pelo GCP e logo o meu maior investimento profissional. Face ao exposto, decidi tematizar esta problemática, a da variação, na minha reflexão específica neste trabalho no quadro do Mestrado em Ciências da Linguagem.

2 Português Europeu e Português do Brasil

O português é língua nacional de Portugal e do Brasil, língua oficial de Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, países que constituem assim a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A língua portuguesa é falada por milhões de pessoas em quatro continentes pelo mundo, conservando uma unidade e diversidade ao mesmo tempo.

“A 17 de Julho de 1996, em Lisboa, realizou-se a Cimeira de Chefes de Estado e de Governo que marcou a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), entidade reunindo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Seis anos mais tarde, em 20 de Maio de 2002, com a conquista de sua independência, Timor-Leste tornou-se o oitavo país membro da Comunidade. Depois de um minucioso processo de adesão, em 2014, a Guiné Equatorial tornou-se o nono membro de pleno direito” (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, s/d.).

A evolução do Português Europeu (PE) para o Português do Brasil (PB) é um fascinante processo linguístico que abrange séculos de mudanças, adaptações e influências culturais. Esse percurso terá começado no século XVI, quando os primeiros colonizadores portugueses chegaram às terras que mais tarde se chamariam de Brasil. Desde então, o idioma passou por uma série de transformações que o diferenciam

consideravelmente do PE atual. As influências indígenas e africanas, bem como a miscigenação ocorrida no Brasil, levaram à adoção de palavras de origem tupi-guarani, quimbundo e iorubá. Só mais tarde, as reformas pombalinas terão proibido o uso da língua geral, baseada no tupi, e até então utilizada no ensino jesuítico. Só em 1808 se fundará a impressão régia no Rio de Janeiro, tendo sido criado em 1837 o Colégio Pedro II, que viria a tornar-se o modelo do ensino secundário durante décadas. No entanto, o ensino massificado da língua portuguesa no Brasil terá começado só no séc. XX. Segundo Mateus e Carneira:

“Tardio, débil, o ensino da língua no Brasil não conseguiu ainda colmatar o fosso entre a língua de uma população forjada na escravatura e na miscigenação e a de uma elite escolarizada segundo padrões por ventura demasiado colados aos europeus” (2007:40).

Por esta razão, o Brasil apresenta ainda hoje uma disparidade social grande ao nível linguístico, o que faz com que alguns falantes tenham uma maior abrangência linguística e logo um vocabulário mais rico e que algumas unidades lexicais sejam melhor ou pior entendidas consoante o extrato social dos falantes. Ainda segundo Mateus e Carneira:

“A estratificação da sociedade criou uma separação linguística: desde as variedades rurais, geograficamente isoladas, faladas por pessoas de pouca ou nenhuma escolarização, até à variedade urbana culta, o PB consubstancia um verdadeiro contínuo linguístico, bastante diferente da unidade (relativa) que encontramos em Portugal” (2007: 40).

As diferenças entre o PE e o PB são um bom exemplo de um processo linguístico que reflete a riqueza e diversidade cultural que caracteriza a língua portuguesa nas diferentes partes do mundo. A língua é uma entidade viva e em constante evolução, e essa variação é parte fundamental do processo. Ao longo dos anos, o PB desenvolveu as suas próprias peculiaridades e especificidade que o diferenciam do PE. Essas diferenças manifestam-se em diversos aspetos da língua, como vocabulário, pronúncia, gramática e até mesmo no uso de expressões idiomáticas. No entanto, é importante notar que ambas as variantes são igualmente válidas e ricas nas suas particularidades e que têm igual valor do ponto de vista linguístico, seguindo as normas do Português com variantes dialetais.

A este propósito refere Conceição:

“A língua portuguesa, sobretudo por via da sua pluricentricidade e da sua difusão no mundo, enriquece-se permanentemente e assimila estruturas de muitas outras línguas com as quais contacta. Preconceitos linguísticos ajuízam esses contactos e reagem menos negativamente aos empréstimos de línguas como o inglês (ou, no passado, o francês) do que os que são feitos a línguas bantu ou ao tupi, por exemplo” (2018: 31).

Outra reflexão importante é a preservação das raízes culturais e históricas de cada variante da língua. O PB tem uma rica herança linguística que remonta aos tempos coloniais. É fundamental valorizar e respeitar essa herança, reconhecendo que ambas as variedades contribuíram para a diversidade linguística global. Além disso, a adaptação não deve ser vista como um processo unidirecional, mas sim bidirecional onde o esforço para a comunicação deverá ser mútuo. É fundamental que os falantes de ambos os países entendam as diferenças e se esforcem para comunicar entre si de maneira eficaz, independentemente das variações linguísticas, promovendo e potenciando assim a integração e a harmonia entre as diferentes comunidades de língua portuguesa no mundo. Embora a língua portuguesa sofra variações, não impede a comunicação entre os falantes de diferentes dialetos. Quando tenho que adaptar o PE ao PB, procuro fazer um esforço acrescido para minorar essas diferenças de modo a que me entendam o melhor possível, nomeadamente através da substituição de palavras e alteração fonética e entoação, aumentando assim a eficácia da minha função. Uma das principais diferenças é a nível fonético, pois a pronúncia também varia entre os dois países. Por exemplo, no Brasil, a pronúncia das vogais é normalmente mais aberta do que em Portugal, o que me leva a pronunciar as vogais átonas mais abertas e a falar mais pausadamente. Segundo Mateus e Cardeira:

“No nível fonético é evidente que, em PE, as vogais átonas são muito mais reduzidas do que em PB, existindo ainda, em PE, uma vogal [ə] que frequentemente é suprimida. Assim, a correspondência entre as vogais átonas do PE e do PB é a seguinte: ao [a] aberto no Brasil, corresponde o [ɐ] fechado em Portugal (exemplos: p[a]rtir e p[ɐ]rtir), a [e] e [o] médios e abertos no Brasil, correspondem [ə] e [u] fechados (exemplo: m[o]rar e m[u]rar); a [i] em certos contextos corresponde [ə] (exemplo: lev[i] e lev[ə]). Na maioria dos dialetos do Brasil, antes de [i], e antes de [e] postónico, o [t] e o [d] pronunciam-se, respetivamente, como as consoantes [tj] e [dj] (ou seja, como «tch» e «dj») enquanto no PE se mantêm como [t] e [d]. Também em final de sílaba e de palavra, o [l] pronuncia-se como a semi vogal [w] no PB e mantêm-se como [l] em Portugal (exemplos: Brasi[w] e Brasi[l]). Existe ainda, no PB, a introdução de um [i] entre duas consoantes que não formam habitualmente grupo, enquanto no PE as duas consoantes se mantêm em sequência (exemplo: a[bis]urdo e a[bs]urdo” (2007: 56).

Passo a exemplificar alguns casos acima citados com que me deparei em situação de interação no Brasil para me fazer entender melhor, que foram os seguintes: quando pronuncio um [a] aberto em “n[a]cionalidade portuguesa; aloj[a]mento; mens[a]lidade; intern[a]cional; ou quando pronuncio as seguintes palavras com [e] aberto como sin[ɛ]rgias; lib[ɛ]rdade; ou ainda em final de palavra a maneira como pronuncio a semi-vogal [w] “valor da taxa académica anua[w]”.

Existem ainda algumas diferenças do ponto de vista gramatical que podem ser ajustadas para uma melhor compreensão. Por exemplo, em Portugal utilizamos a forma pronominal "tu" com a conjugação verbal correspondente, enquanto em algumas partes do Brasil se usa habitualmente a forma "você" com a conjugação verbal da terceira pessoa do singular. Exemplo disto é a expressão em PB “Você vai à aula de Química Orgânica?”, contrastando com o exemplo de PE “Tu vais à aula de Química Orgânica?”.

Como afirma Luis Lindley Cintra:

«... o português do Brasil oferece, como se sabe, uma das mais notáveis singularidades que tendem a afastar o “estilo” brasileiro do “estilo” português de falar: o amplo emprego do pronome “você”, que quase totalmente eliminou da língua corrente das grandes cidades, o pronome “tu”» (1986: 11).

Ainda a nível sintático, o PB apresenta construções frásicas com o gerúndio, que em PE são preferencialmente construídas com o modo infinitivo. São exemplos disto: em PB “Ele está estudando” ou em PE “Ele está a estudar”. Situação que curiosamente também se verifica nas variantes meridionais do PE. É muito frequente ouvirmos um algarvio ou um alentejano a dizer “Estou cantando” em vez de “Estou a cantar”. Também ao nível sintático o PB utiliza os verbos “fazer” e “ter” em circunstâncias em que o PE usa o verbo haver. Exemplos disto são frases em PB como “Ele se formou faz dois anos” ao invés de “Ele formou-se há dois anos”, em PE.

Outra das principais diferenças está no vocabulário. Existem palavras e expressões específicas utilizadas em Portugal que não são utilizadas no Brasil e vice-versa. Ao adaptar o PE ao PB, procuro substituir essas unidades lexicais por outra equivalentes, mais familiares para os brasileiros. Quando adapto o PE ao PB, procuro estar consciente destas diferenças, adequando a forma de tratamento e a conjugação verbal à situação. Resumindo, quando faço essas adaptações, considero fundamental ter em conta as diferenças lexicais e terminológicas, de pronúncia e de construção gramatical entre os dois contextos. Essa adaptação facilita a comunicação e a compreensão mútua,

permitindo que os falantes do PB me entendam de maneira mais eficaz. É um processo de harmonização que contribui para uma comunicação mais facilitada entre os falantes das diferentes variantes do português. Uma vez que as palavras não têm o mesmo significado, recorro à palavra que, no contexto da Universidade, é compreendida pelo interlocutor, como veremos adiante no *corpus* analisado no ponto 4 do capítulo III.

Uma das questões com que me deparei ao longo deste percurso foi: o que faço eu quando comunico com um falante de PB. Adequo, adapto, substituo ou parafraseio? Talvez seja importante definir cada conceito. Segundo o dicionário *online* Priberam “adequar” significa explicar ou traduzir por meio de uma paráfrase ou de uma expressão semanticamente equivalente, “adaptar” significa fazer com que uma coisa se combine convenientemente com outra, “substituir” significa pôr pessoa ou coisa em lugar de outra, “parafrasear” significa explicar ou traduzir por meio de uma paráfrase ou de uma expressão semanticamente equivalente. Poderá falar-se em adequação linguística, quando vou buscar palavras do PB para transmitir o significado das palavras do PE, atendendo a que o contexto não é o mesmo.

Outra pergunta que surge frequentemente é se há falar “certo” ou “errado” na língua que falamos e nomeadamente nas diferenças entre o PE e o PB. Todos reconhecemos que há determinadas frases ou palavras que não fazem parte do “bom uso linguístico”, ou seja que há uma prática uniformizada que normalmente é adquirida na escola, ou seja uma norma. A norma culta do PE regula-se pelos seguintes princípios gerais, segundo Mateus e Cardeira:

“Redução da distância entre escrito e oral (fala bem quem fala como se escreve, escreve bem quem se aproxima do texto literário consagrado); eliminação de traços dialectais na oralidade (na prática, como os traços sentidos como dialectais são os setentrionais, há uma aproximação ao dialeto centro-meridional; deste exclui a norma apenas a monotongação do ditongo ei [ej] pronunciado como [e]; eliminação de vocabulário regional, sentido como arcaizante, em favor de um nivelamento lexical que, por outro lado, acolhe com facilidade empréstimos relacionados com novas realidades e tecnologias” (2007: 39).

À partida seria simples, todos iam à escola e aprendiam a falar corretamente uma língua. No entanto, não é isso que se verifica, pois a língua está em constante mudança e o que outrora se usou, pode cair em desuso. Surgem constantemente palavras novas e outras deixam de ser usadas.

“O Português de hoje não é igual ao Português de há dois ou três séculos porque o mundo hoje não é o mesmo que há dois ou três séculos. Se a sociedade muda, a

língua muda. Tal como não há língua sem variação, também não há língua que não sofra mudança” (*idem*, 2007: 19).

Exemplos disto são os momentos de divulgação da Universidade do Algarve no Brasil, onde verifico que muitas unidades lexicais têm significados totalmente diferentes, o que ainda assim não me permite dizer que está certo ou errado, tratando-se apenas de variações linguísticas. Por exemplo, em Portugal usa-se a palavra "autocarro" para se referir a um meio de transporte específico, enquanto no Brasil se usa o termo "ônibus". Da mesma forma, "telemóvel" em Portugal corresponde a "celular" no Brasil. Outros exemplos são ainda a substituição da palavra “praxe” por “trote”; ou “matérias” por “disciplinas”.

O conceito de variação levanta a pertinente questão “Porque variam as línguas?”. Não é por acaso que dizemos que as línguas são “vivas”. Efetivamente elas variam porque são utilizadas por seres humanos que pensam e comunicam uns com os outros.

“O mais admirável é que, com poucas dezenas de sons, todas as pessoas podem construir, em qualquer língua do mundo, uma infinidade de expressões que revelam aos outros o que pensam, o que imaginam e o que sentem. E como todo o ser humano muda durante a vida – embora nem sempre sinta essa mudança –, também a língua que nos acompanha muda e se adapta às nossas novas necessidades, mantendo, no entanto, a sua identidade” (*ibidem*, 2007:19).

Variações linguísticas são as diferentes manifestações e realizações da língua, decorrentes de fatores de natureza histórica, regional, social, situacional ou individual. Essas variações podem ocorrer a nível fonético e fonológico, morfológico, sintático e semântico. A variação linguística é uma característica inerente à língua que está ligada tanto a fatores internos como externos. Os fatores internos podem ser gerados por ambiguidades, que levam a alterações à língua para as evitar; regras e estruturas que se alteram naturalmente ao longo do tempo, e, finalmente pelo facto de as línguas serem constituídas por sons que ouvimos e articulamos, e que estão sujeitas a alterações que ocorrem no seguimento da nossa perceção auditiva e da maneira como reproduzimos a articulamos as palavras. Os fatores externos, que provocam alterações internas, são o contacto com outras línguas e com outras realidades sociais, culturais e políticas.

Essencialmente há quatro tipos de variações linguísticas: variações diacrónicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas. As variações diacrónicas são aquelas que ocorrem ao longo das diferentes épocas da história da língua; as variações diatópicas são referentes

às variações que ocorrem em áreas geográficas específicas, decorrentes do uso; as variações diastráticas são diferenças que ocorrem nos diferentes extratos sociais; e as variações diafásicas são as variações que ocorrem consoante a situação de comunicação ou modalidade de expressão. Na recolha de dados e na análise ao *corpus* a seguir apresentado irei debruçar-me mais sobre as variações diatópicas entre o PE e o PB por serem as que ocorrem de acordo com os locais onde vivem os falantes.

3 Recolha de dados

A metodologia utilizada foi a recolha e análise do *corpus* por mim utilizado sempre que precisei de comunicar de uma forma adequada e próxima do meu interlocutor, no caso, dos falantes de PB, sobretudo em deslocações a Feiras de Ensino no Brasil, bem como nos *Webinars* realizados, cujo público-alvo são jovens brasileiros, futuros candidatos à Universidade do Algarve. São unidades lexicais, sobretudo relacionadas com os temas da Universidade e com o quotidiano dos futuros estudantes, que colocam problemas de compreensão. Optei por dividi-las em quatro categorias por ser mais fácil relacioná-las entre si: temas relacionados com a Universidade; temas do quotidiano da vida do estudante (habitação, mobilidade, telecomunicações), temas relacionados com lazer, e verbos que me suscitaram alguma curiosidade. Apresento a seguir um quadro com essas unidades lexicais e com as equivalências entre o PE e o PB, bem como a análise e discussão dos dados através de uma descrição explicativa e de algumas ilações:

Tabela 1- Unidades Lexicais Analisadas

Português Europeu	Português do Brasil
Temas relacionados com a Universidade	
Acompanhado	Mentorado
Disciplina	Matéria
Doutoramento	Doutorado
Ensino secundário	Ensino médio
Entrada	Ingresso
Investigação	Pesquisa
Licenciatura	Graduação/ Licenciatura
Praxe	Trote
Propina	Taxa académica anual
Ter a nota máxima	Gabaritar
Ter nota mínima	Nota de corte
Título	Grau
Temas do quotidiano estudante	
Casa de banho	Banheiro
Circular	Trafegar
Comboio	Trem
Divisões da casa	Cómodos da casa
Frigorífico	Geladeira
Paragem de Autocarro	Parada de ônibus
Peão	Pedestre
Rapariga	Menina
Residência	Alojamento estudantil
Telemóvel	Celular
Temas relacionados com lazer	
Bar	Boteco
Cascata	Cachoeira
Desporto	Esporte
Jogo de futebol	Pelada
Ginásio	Academia
Verbos	
Anexar	Atachar
Apagar	Deletar
Dar os parabéns	Parabenizar
Fotocopiar	Xerocar
Pôr	Botar
Reiniciar	Resetar

4 Análise e discussão de dados

O *corpus* de palavras foi analisado recorrendo à consulta de três dicionários diferentes: o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Machado, 1987); o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2002) e com base na minha experiência profissional e pessoal. No meu percurso académico tive disciplinas de linguística e de história da língua que me deram ferramentas para resolver a minha curiosidade em relação às variantes que fui encontrando nas interações com os alunos em Feiras no Brasil. A cada palavra desconhecida que me ia aparecendo, recorria a estes três dicionários, razão pela qual mantive os mesmos instrumentos profissionais para este trabalho.

As minhas deslocações a título pessoal durante anos ao Brasil, nomeadamente para contactos familiares, terão contribuído para aumentar a sensibilidade e a perceção da necessidade de haver uma especificidade relativamente à importância do uso do vocabulário claro e objetivo para a transmissão da mensagem. A minha experiência profissional, também com várias deslocações ao Brasil, terá contribuído para amadurecer e consolidar os conhecimentos.

Tentarei descrever as situações de comunicação linguística que experienciei nas minhas deslocações ao Brasil e nos *Webinars* que realizo frequentemente cujo público-alvo são candidatos de nacionalidade brasileira a estudar na Universidade do Algarve.

O adjetivo “acompanhado” obviamente com o mesmo significado no PE e no PB, não é utilizado em contexto universitário no Brasil. Quando em situação de interação digo que “os alunos podem ser acompanhados por um colega mais velho”, a frase adquire apenas um significado de companhia e não possui a carga semântica de orientação, guia. Essa carga semântica relativa àquele que orienta está presente na palavra mentor. No caso da palavra “mentorado” estamos perante um processo de formação de palavras, neste caso, uma adjetivação denominal, colocando no sujeito o valor semântico de pessoa que é orientada ou aconselhada por um mentor. Utilizo muitas vezes a frase “os alunos são mentorados pelos colegas mais velhos que os orientam nas matérias”. A palavra “mentor” remonta ao séc. XIX, que segundo o *Dicionário Houaiss* “é a pessoa que serve a alguém de guia, de sábio e experiente conselheiro” (2002: 2458).

A unidade lexical “disciplina”, enquanto área do conhecimento que é objeto de estudo ou ensino escolar, ou mais vulgarmente utilizada no PE em contexto académico de unidade curricular ou “cadeira”, como refere o *Dicionário Etimológico da Língua*

Portuguesa “...uma forma vulgar de cátedra” (1987: 20) é um étimo que veio do grego e que em PB não assume este significado. Por este motivo, houve necessidade de adaptar para “matéria” como, por exemplo, na frase “cada graduação tem aproximadamente 12 matérias anuais”. O *Dicionário Houaiss* apresenta o seguinte significado para a palavra matéria: “Conteúdo específico daquilo que é o objeto de um ensino” (2002: 2420). A palavra “disciplina”, em PB, estará associada a uma educação rígida, com disciplina, significado também usado no PE.

Também o termo sintagmático “ensino secundário” não existe no PB. O “ensino secundário” corresponde ao “ensino médio” no Brasil, ou seja os três anos de estudo que os alunos frequentam, normalmente entre os 15 e os 17 anos de idade. Por não me fazer entender se utilizar a expressão “o seu filho frequenta o ensino secundário numa escola privada?” substituo a expressão por “o seu filho frequenta o ensino médio numa escola privada?”. É natural que os falantes de PB tenham estranheza a esta expressão, uma vez que é linguagem relativa à estrutura do sistema educativo em Portugal. Apesar de serem expressões diferentes, correspondem exatamente aos mesmos níveis de ensino na hierarquia de cada uma das estruturas curriculares pré-universitárias.

A palavra “entrada” não é utilizada em PB no contexto universitário. Se no PE é frequente utilizar a expressão “o aluno entrou na Universidade do Algarve”, em PB diz-se que o “aluno ingressou na Universidade do Algarve”. O verbo ingressar aparece associado a “passar a fazer parte de algo” (Houaiss, 2002: 2098), o que no contexto universitário faz todo o sentido por causa do sentimento de pertença, em que o aluno começa a fazer parte de uma “família”, a universitária.

A palavra “investigação”, que significa “averiguação sistemática de algo, indagação” (Houaiss, 2002: 2131) também não é utilizada em contexto académico pelos falantes de PB. Quando estou em momento de esclarecimento aos candidatos, recorro ao vocábulo “pesquisa”, palavra que significa, segundo o *Dicionário Houaiss* “conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário, artístico, etc” (2002: 2850). Investigação no Brasil recebe o significado de “inquirição, indagação, apuramento policial” (Houaiss, 2002: 2131), especificando o domínio da área científica e colocando-a fora do meio universitário que é o contexto do PE.

Quando, em situação de apresentação da UAlg no Brasil falo nos vários graus de ensino que temos na universidade, nem sempre as designações correspondentes aos graus são compreendidas. Por exemplo na frase “Na Universidade do Algarve temos 50

graduações, 70 mestrados e 10 doutorados” verificamos que já foram tomadas opções relativamente ao uso do léxico específico. Por exemplo a palavra “licenciatura”, para ser entendida como tal, teve de ser substituída por graduação, uma vez que “licenciatura” é utilizada no Brasil como curso de formação de professores. Também se pode ver na expressão atrás citada, que a unidade lexical “doutoramento” desapareceu por não ser reconhecida no PB, por isso foi substituída por “doutorado” nome masculino igual a doutoramento, podendo pertencer à classe de palavras adjetivo, significando aquele que recebeu o grau de doutor, que se doutorou. Para maior facilidade de comunicação relativamente aos cursos da UAlg, acrescento que esta nomenclatura é também utilizada nos folhetos de divulgação da oferta formativa da UAlg.

A palavra “praxe”, totalmente desconhecida dos falantes no Brasil, não aparece no *Dicionário Houaiss*, em PB, a palavra correspondente à atividade praxe é “trote”. No *Dicionário da Língua Portuguesa*, trote significa “Brincadeira que se faz nas universidades com os caloiros; brincadeira que alguém faz para se divertir à custa de outrem” (2001: 3650), e encontramos também a definição de trote como “tentativa de ridicularizar calouros, por parte dos veteranos” (Houaiss, 2002: 3598). Estamos perante uma situação em que para o mesmo significado temos duas palavras diferentes, parecendo que a palavra trote será um arcaísmo em PE. Este foi um caso desafiante em que eu desconhecia totalmente o termo e tive, posteriormente, de investigar para o conhecer melhor e poder integrá-lo no meu discurso a partir desse momento.

Entre as unidades lexicais dos temas da Universidade, a palavra “propina” é talvez a que causa mais estranheza junto dos falantes do PB. Quando a utilizo para me referir ao facto de que as universidades são pagas em Portugal, como por exemplo na frase: “... apesar de a UAlg ser uma universidade pública, os alunos têm que pagar um valor de propina”, na verdade esta palavra leva a mal-entendidos, pois o recetor da mensagem pensa que para ingressar na Universidade é necessário pagar um suborno. No *Dicionário da Academia de Ciências*, a palavra “propina” significa “quantia que se paga ao estado a fim de se poderem realizar matrículas, exames ou outros actos escolares” (2001:2983), enquanto que na variante brasileira, e como mostra o *Dicionário Houaiss*, a palavra propina significa “gorjeta; suborno, gratificação extra por serviço normal prestado a alguém” (2002: 2996) constituindo assim um problema de compreensão do discurso. Como frequentemente me deparei com expressões de incompreensão ao ouvirem o termo “propina” e apercebendo-me da situação e “desconforto” que a palavra causava junto dos falantes de PB, comecei a substituir o termo por “taxa académica anual”, termo familiar

ao interlocutor, e perfeitamente compreendido dentro do contexto da conversa por ser o correspondente a “propina”. A expressão “taxa académica anual” descreve muito explicitamente o que significa, assumindo um carácter objetivo e universalmente perceptível, porque descreve exatamente o que é, ao contrário de propina.

Uma das questões que os alunos colocam muito é qual a “nota mínima de acesso a determinados cursos de graduação”. No caso desta construção sintagmática e apesar de os falantes do PB do Brasil compreenderem a expressão, apercebi-me de que a mensagem passava mais rapidamente se usasse a expressão “nota de corte”. A palavra “corte” tem uma carga semântica de “exclusão, eliminação, supressão” (Houaiss, 2002:1102), dando a ideia aos alunos do não acesso à Universidade. Também em relação à expressão “ter a nota máxima numa prova”, os falantes do PB utilizam a curiosa expressão “gabaritar a prova”, que significa acertar todas as questões de uma prova. O verbo “gabaritar” foi formado por verbalização denominal, explicando a razão pela qual no *Dicionário das Ciências* não existir a entrada do verbo “gabaritar”. O verbo ganha assim o valor semântico do nome “gabarito” que significa classe, categoria, nível. Completando, o adjetivo “gabarolas”, da mesma família, significa “que ou quem se gaba a si mesmo, dos próprios feitos; fanfarrão; gabarolas” (Houaiss, 2002: 1832).

A utilização da palavra “título” é dúbia no contexto do Brasil. Muitas vezes tenho que utilizar esta palavra para explicar aos candidatos que “os títulos académicos tirados em Portugal também são válidos na Europa. Se em PE a palavra título pode ser utilizada, entre outros contextos, como “título académico”, em PB “título” é apenas, como descreve o *Dicionário Houaiss*, “um nome ou expressão que se coloca no começo de um livro, nos seus capítulos, em publicação jornalística, peça teatral, filme, composição musical e programa de televisão” (2002: 3531), significado equivalente ao PE. Perante esta situação, senti necessidade de encontrar um correspondente que pudesse (re)estabelecer a comunicação substituindo a palavra “título” por “grau” também utilizado em PE como algo que se obtém ao concluir um curso universitário. Considero que a dificuldade de compreensão desta expressão advém do facto de ela pertencer a um nível de língua técnico/ profissional do contexto académico, que alunos que acabam o ensino médio no Brasil não reconhecem.

A questão da habitação e do alojamento dos estudantes é sempre um tema abordado em contexto de Feira ou *Webinar*, sobretudo pelos pais preocupados com os filhos que vão estudar para um país distante. Frequentemente colocam questões sobre as condições de alojamento na cidade. Uma das palavras que mais suscita dúvidas é a palavra

“residência” que em PB partilha com o PE o significado de “morada habitual em determinado lugar” (Houaiss, 2002: 3157). No entanto, não partilha o traço semântico do PE de “residência secundária” (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, 2001: 3216), constituindo assim uma estranheza para os interlocutores. Ora quando dou a informação sobre alojamento universitário e digo “que a Universidade tem uma residência no *Campus* da Penha” o interlocutor não decifra a mensagem e pode fazer uma analogia com a residência médica, uma vez que no Brasil a palavra está associada ao significado “fase de treinamento de um médico na sua especialidade, uma vez formado e licenciado para exercer a profissão e dar consultas” in *Dicionário Houaiss* (2002: 3157). Por este motivo, utilizo a expressão “alojamento estudantil”, também ela descritiva do que significa, assumindo um carácter facilmente identificável e reconhecível. Dentro desta temática do alojamento, há ainda outras palavras que provocam interferência na comunicação. Por exemplo, quando falamos em casas ou apartamentos privados onde os alunos podem ficar alojados, é frequente perguntarem-me o número de “cômodos” que determinada casa tem. Pelo contexto percebe-se que será o número de divisões da casa, comprovado pelo significado que o *Dicionário Houaiss* apresenta para cômodo “algo agradável e confortável; divisão, compartimento” (2002: 1001), havendo assim uma associação da divisão da casa a algo agradável e confortável, talvez das maiores preocupações que uns pais têm quando um filho passa a viver sozinho noutra país: que esteja bem instalado e cómodo. Uma das divisões da casa que levanta mais dúvidas é a “casa de banho”. Esta divisão tão vulgarmente conhecida como aquela que é uma instalação sanitária e possui equipamentos próprios para os cuidados de higiene dos seus utilizadores, é pouco utilizada no Brasil, pois o correspondente é a palavra “banheiro”, cuja definição no *Dicionário Houaiss* é “local público ou privado, equipado com sanita; toalete; sanitário” (2002: 511). Outra palavra que eu uso para ajudar o interlocutor brasileiro neste caso, é o termo “privada” por ter um significado semelhante. O objeto da casa que também levanta obstáculo à compreensão do meu discurso é a unidade lexical “frigorífico”. Esta palavra é frequentemente utilizada por mim para descrever as valências que os alunos dispõem nas residências universitárias, sendo também desconhecida no PB. O termo utilizado é “geladeira” que significa “frigorífico; gelado + eira” (Houaiss, 2002: 1866).

Quando dou informações relativamente às dúvidas sobre deslocações, a expressão “paragem de autocarro”, para explicar como é que os alunos se podem deslocar para os *campi*, é uma das expressões que eu tenho que explicar. Pela minha experiência, esta

parece ser uma designação totalmente desconhecida no Brasil. Por isso, substituo-a por “parada de ônibus”. Os nomes paragem e parada são muito semelhantes, o que até podia ajudar na compreensão, no entanto, os diferentes sufixos impedem o interlocutor de reconhecer a realidade descrita. Já a palavra “autocarro”, que aparece em ambos os dicionários com o mesmo significado, só é utilizado em PE. Para o PB a palavra usada pelos falantes é “ônibus”, do latim *omnibus* que significa “para todos; destinada antigamente ao transporte de pessoas; comboio de passageiros, de grande lotação, que para em todas as estações do percurso” (Houaiss, 2002: 2677). Outro meio de transporte que exige uma distinção é a palavra “comboio”. Quando me refiro ao comboio é para explicar que é um meio de transporte que permite que os estudantes facilmente se possam deslocar de Faro a Lisboa em pouco tempo. Comboio não é familiar no Brasil. Nestas situações, substituo pela palavra “trem”, tornando mais eficiente a comunicação por ser o termo conhecido no Brasil. Normalmente dou a informação de que as passeadeiras são respeitadas pelos condutores. Muitas vezes neste esclarecimento, uso a palavra “peão”, mas não é compreendida. Apesar de ter o mesmo significado em PE e PB “aquele que transita, que circula a pé” (DLPC, 2001: 2792), apresenta um duplo significado no Brasil que leva à incompreensão do discurso. Quando me refiro em conversa informal no Brasil “às passeadeiras de peões” a palavra peão não assume a mesma carga semântica que em Portugal. Em PB peão tem o significado de “condutor da tropa de animais; auxiliar de boiadeiro” (Houaiss, 2002: 2797). Assim, a fim de evitar mal-entendidos, uso a palavra “pedestre” que significa em PB “aquele que anda ou se encontra a pé” (Houaiss, 2002: 2802), tendo o mesmo significado em PE. Outra palavra que gera dúvidas dentro desta temática tem a ver com o trânsito e com o circular na estrada. Na tentativa de auxiliar a compreensão, utilizo o verbo “trafegar” a partir do nome tráfego. Com frequência ouve-se no Brasil a expressão trafegar a significar “andar no tráfego” como movimento ou fluxo de veículos.

Relativamente a questões feitas sobre as telecomunicações para se conseguir manter as comunicações entre o Brasil e Portugal tem a ver com as operadoras e os telemóveis. A palavra “telemóvel”, apesar de ser utilizada tanto no PE como no PB é na maioria das vezes substituída pelo termo “celular”. A palavra “telemóvel” no Brasil apresenta desconhecimento nas diferentes classes sociais no momento da comunicação, uma vez que é entendida apenas num nível social. Este é um exemplo de uma variação diastrática que ocorre nos diferentes extratos sociais, sendo que a palavra “telemóvel” é familiar a

falantes de extratos sociais mais altos, ao contrário do termo “celular”, conhecido e utilizado por todos.

O termo “rapariga” no Brasil tem a conotação negativa de prostituta ou meretriz. Apesar de tanto no *Dicionário Houaiss* como no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, a unidade lexical apresentar significados idênticos, pois descrevem a palavra em PE como “criança ou jovem do sexo feminino; mulher; jovem solteira ou casada; mulher que tem má reputação; prostituta; e em PB “mulher na fase adolescente; jovem; moça; raparigota; namorada; moça virgem; prostituta; meretriz” (Houaiss, 2002: 3086), só no Brasil é que a palavra apresenta uma conotação negativa. Por este motivo, quando me dirijo a um brasileiro não a uso, substituindo-a pela palavra “menina”, termo familiar e que não leva a mal-entendidos.

Outro tema muito abordado em conversas com futuros candidatos de nacionalidade brasileira são as questões dos tempos livres e lazer. Dentro do lazer, destaco duas áreas que os jovens se interessam mais: o desporto e as saídas noturnas. Quando lhes explico que a cidade é segura e que os alunos podem tranquilamente sair à noite e usufruir de um leque variado de restaurantes e bares na tradicional quinta-feira à noite académica farensê, a palavra “bar” nem sempre é entendida, visto que no PB é mais utilizado “boteco”, significando “pequena venda tosca onde servem bebidas” (Houaiss, 2002: 642). No que se refere ao desporto, quando explico que os alunos têm à sua disposição dentro das atividades extra-curriculares da Universidade um “ginásio”, esta parece ser uma palavra desconhecida em PB. Os falantes do Brasil utilizam o termo “academia” como “local onde se ensinam e praticam várias modalidades desportivas” (Houaiss, 2002: 46). Este é um termo que gera dúvidas nos falantes de PB, pois tem um duplo significado uma vez que “academia” também se refere a “escola de ensino superior, faculdade, universidade” (Houaiss, 2002:46). No que se refere ao desporto, a própria palavra não é utilizada no Brasil, sendo substituída pela unidade lexical “esporte”, que deriva da palavra inglesa *sport*, que desde o séc. XV significa “prática individual ou em grupo de exercício físico, ou jogo para divertimento ou lazer” (Houaiss, 2002: 1603). Ainda no âmbito desportivo e quando falo com os futuros candidatos sobre os vários desportos que podem fazer na UAAlg, e quando me refiro à prática desportiva jogo de futebol, percebo que em PB se diz também “pelada” cujo significado é “jogo de futebol entre amadores em campo improvisado e sem uniforme” (Houaiss, 2002: 2812). Poder-se-ia pensar que o nome terá sido apropriado de outro significado da palavra “pelada” que é uma clareira no mato, local propício a um jogo com uma bola num local improvisado e espaçoso.

Ainda dentro do tema lazer, quando me refiro à região do Algarve, nomeadamente aos seus recursos naturais, frequentemente me perguntam “se existem cachoeiras em Portugal”. Com o significando “torrente de água que corre ou cai, formando cachão” (Houaiss, 2002: 714), respondo que em Portugal existem algumas cascatas de água e refiro que é esse o termo utilizado em PE e que deverá ser esse o utilizado caso queiram procurar ou visitar algumas.

Quando dou informações sobre a facilidade que os alunos têm de “fotocopiar” sebentas e outros materiais didáticos nos *campi*, os candidatos ficam sem perceber do que é que eu estou a falar. Para PB a palavra utilizada é “xerocar”. A origem etimológica desta palavra está na marca registada da fotocopadora XEROX, tendo sido adaptada da própria marca comercial a partir de 1970. Este termo possui uma entrada no *Dicionário Houaiss*: “tirar fotocópias / xerocar reproduzir um registo gráfico através de uma máquina xerox” (2002: 3748). Tratando-se de um epónimo (o que dá o seu nome a alguma coisa) e de uma verbalização denominal, esta palavra enraizou-se no léxico dos falantes do Brasil.

Com frequência tenho de dar os “parabéns” a um estudante brasileiro por ter entrado na Universidade do Algarve. Recorro ao verbo “parabenizar” que significa dar os parabéns, felicitar, etimologia: parabéns+izar” (Houaiss, 2002: 2754), neologismo muito utilizado no Brasil e que se formou através de um processo de sufixação.

Com o aparecimento das novas tecnologias e com as palavras estrangeiras a elas associadas, rapidamente os estrangeirismos passaram a fazer parte da língua portuguesa. Em Feiras ou em *Webinars*, em conversa com futuros alunos brasileiros sobre questões burocráticas com a instrução da candidatura à UAlg, frequentemente me deparo com o verbo “atachar”. É um neologismo por empréstimo, ou de importação lexical, pois a palavra original é um estrangeirismo integrado no português. O verbo “atachar”, que significa para um falante de PB anexar, juntar um arquivo, vem do francês *attacher* que significa prender, fixar, anexar. Outro verbo que casualmente aparece em PB por questões de problemas de informática na hora de dar as informações é o verbo “resetar”. Para o PE é de fácil compreensão o seu significado e processo de formação pois rapidamente percebi que significa em PB reiniciar um computador. Para o PB, tal como para o PE, vem do inglês *reset*. Enquanto que para PE ele é um estrangeirismo, no PB o processo de formação foi outro, um verbo criado a partir de um estrangeirismo. O mesmo se passa com a palavra “deletar” utilizada por falantes de PB. O verbo vem do inglês *delet* que significa “apagar”.

Quando estamos a preparar as instalações na Feira é interessante verificar a utilização de um verbo que em PE é pouco utilizado, o verbo “botar” que em PB significa deslocar algo de um lado para o outro, pôr, colocar (Houaiss, 2002: 641).

5 Síntese

Os pares de palavras que escolhi para análise apresentam as diferenças e semelhanças descritas porque pertencem todos à língua portuguesa, mas por razões históricas a língua acabou por evoluir condicionada por vários contextos. Processo evolutivo que terá começado no século XVI, quando os primeiros colonizadores portugueses chegaram a terras que hoje são Brasil e onde já existiam outras línguas indígenas e que através da mestiçagem ao longo dos séculos, a língua terá sofrido mudanças, adaptações e influências culturais de outros países.

Na minha análise do *corpus* escolhido verifiquei que as diferentes palavras resultam de vários processos de formação. Encontrei processos de criação por adjetivação denominal, ou seja são adjetivos que se formam a partir de nomes, como “mentorado”; processos de verbalização denominal, que são verbos que se formam a partir de nomes, como “gabaritar” e a presença de epónimos em palavras como “xerocar”. Há ainda o recurso a neologismos, que são palavras recém-criadas, como parabenizar; mas também arcaísmos, como “trote”, que permaneceram em PB e já não se utilizam em PE. Há ainda latinismos que são expressões provenientes do latim, como “ônibus”.

A questão da variedade obriga-me, enquanto mediadora comunicativa entre o interlocutor candidato e a interlocutora Universidade do Algarve, a possuir uma flexibilidade vocabular e conseqüentemente discursiva, de modo a ser capaz de transmitir a mensagem que constitui a minha missão profissional. Será ainda importante referir que estas adaptações do discurso não se verificam só na minha oralidade, mas também na escrita. A partir da minha experiência, proponho adaptações ao nível da linguagem para a construção dos materiais de divulgação da UAlg em suporte escrito e impresso para entregar em Feiras, vulgarmente conhecidos por *flyers*, e suporte digital para divulgação no nosso *site* e redes sociais. São produzidos materiais diferentes consoante os diferentes tipos de público, tendo sempre como objetivo a aproximação comunicativa com o outro. Por exemplo, palavras como “graduação”, ou mesmo a expressão “Já decidiu onde vai querer usar a sua nota do ENEM?” estão adequadas ao público de nacionalidade brasileira,

bem como as questões gráficas como a utilização das cores verde e amarelo; do mapa *mundi* com um avião a viajar do Brasil para Portugal, etc (ver anexo 4).

CAPÍTULO IV – Considerações finais

Chegada ao fim deste trabalho verifiquei que grande parte do meu percurso profissional foi de mediação, reflexão, recursividade e reformulação linguística. Fui recuperando conhecimentos adquiridos durante a minha licenciatura em Estudos Portugueses, como a linguística e a história da língua ou a história e a cultura portuguesas, durante a minha pós-graduação em Literatura Tradicional Oral, e mais recentemente no mestrado em Ciências da Linguagem. Cheguei a este ponto porque passei por experiências que me permitiram tomar consciência de que tinha que simplificar conceitos e adaptar a minha linguagem para os tornar acessíveis a todos. Fui mediadora na Câmara Municipal de Loulé quando no Museu adaptei o meu discurso aos públicos mais jovens, quando na programação das galerias de arte aproximei as obras do visitante através de textos informativos ou legendas, ou quando nas minhas aulas utilizo a minha experiência profissional para contar histórias e exemplificar os conteúdos a lecionar. Continuo a ser mediadora quando estou numa feira a falar com jovens a argumentar as vantagens de frequentar uma universidade ou quando interajo com candidatos estrangeiros, nomeadamente de nacionalidade brasileira, e me apercebo que tenho que reformular o meu discurso de modo a que a mensagem seja perceptível e passe o melhor possível.

No caso específico da adaptação do PE para o PB há um processo natural e contínuo que reflete a diversidade e a riqueza da língua portuguesa. A compreensão mútua, o respeito pela herança cultural e a aceitação da evolução linguística são elementos essenciais para garantir que a língua portuguesa continue a unir as pessoas e a transmitir a sua tradição e cultura pelo mundo. Em resumo, a linguagem pode e deve ser um fator de inclusão e entendimento universal nas sociedades. O que sinto ao terminar esta reflexão é que através das diferentes adequações e adaptações linguísticas que fiz ao longo da minha vida profissional, contribuí de alguma forma para uma sociedade mais justa e inclusiva. Quando traduzi e legendei uma exposição, quando adequiei os conteúdos científicos para que as crianças valorizassem o património ou quando falei mais pausadamente e abri as vogais para que um estudante brasileiro me entendesse, creio ter estado a dar uma pequena contribuição para a compreensão mútua, ou seja, para um mundo melhor.

Bibliografia

- (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- (2002), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- (s/d) Dicionário Priberam, <https://dicionario.priberam.org/>
- Câmara Municipal de Loulé, (s/d.), *Características demográficas*
<https://www.cm-loule.pt/pt/menu/25/demografia.aspx>
- Comunidade dos Países da Língua Portuguesa, (s/d), *Histórico – como surgiu*
<https://www.cplp.org/id-2752.aspx>
- Cintra, L., (1986), *Sobre Formas de tratamento na Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Conceição, M.C., (2004), “Termos em discurso”, in *Discursos, Homenagem à Professora Maria Emília Ricardo Marques*, Lisboa, Universidade Aberta, pp.247 – 254.
- Conceição, M.C., (2018), “Português na Casa do Mundo: terminologias e políticas linguísticas”, in *O Português na Casa do Mundo, Hoje*, Lisboa, Húmus, pp. 27 – 38.
- Fernandes, C., (2016), *Manual de Protocolo Empresarial*, Lisboa, Universidade Católica Editora.
- Gomes, J.A., Ramos, A.M., e Silva, S.R., (2009), “Tendências da nova poesia portuguesa para a infância” in Blanca-Ana Roig Rechou, Isabel Soto López e Marta Neira Rodríguez (coord.). *A Poesia Infantil no Século XXI (2000-2008)*, Vigo, Xerais, pp. 111-137
- Machado, J., (1987), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Marques, G., (2000), *Lendas de Portugal*, vol. III., Lisboa, Beta – Projetos Editoriais, Lda.
- Marques, J., (2014), *Cândido Guerreiro – Obras I*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé.
- Mateus, M e Cardeira, E., (2007), *Norma e Variação*, Lisboa, Caminho.
- Museu Municipal de Loulé, (s/d.), *Espaços museológicos*
<https://museudeloule.pt/pt/menu/1130/espacos-museologicos.aspx>
- Sim-Sim, I., (1998), *Desenvolvimento da Linguagem*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Vygotski, L. S., (1991), *A formação social da mente*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Anexos

Anexo 1: Imagem referente ao programa “Visita brincando”



Anexo 2: Imagem referente ao convite para uma cerimónia de atribuição de doutoramento *honoris causa*



The invitation card features the UAlg logo (Universidade do Algarve) in the top left corner. The main text is centered and reads: "DOUTORAMENTO HONORIS CAUSA JAFAR JAFARI HONORIS CAUSA DOCTORATE". Below this, the date and time are given as "16 NOV 2022 17h30", followed by the location: "GRANDE AUDITÓRIO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS CAMPUS DE GAMBELAS - FARO". On the right side of the card is a portrait of Jafar Jafari, a middle-aged man with a mustache, wearing a grey suit jacket, a light blue shirt, and a teal patterned tie. The bottom half of the card has a solid blue background with white text.

UAlg
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

DOUTORAMENTO
HONORIS CAUSA
JAFAR JAFARI
HONORIS CAUSA
DOCTORATE

16 NOV 2022 17h30
GRANDE AUDITÓRIO
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
CAMPUS DE GAMBELAS - FARO

Exmo.(a) Senhor(a)

O Reitor da Universidade do Algarve, Paulo Águas, tem a honra de convidar V. Exa. para a cerimónia de atribuição do título de Doutor *Honoris Causa* a Jafar Jafari, que se realiza no dia 16 de novembro de 2022, pelas 17h30, no Grande Auditório Caixa Geral de Depósitos, no *Campus* de Gambelas.

Traje académico | Fato escuro

Solicita-se que confirme a sua presença até ao próximo dia 11 de novembro, preenchendo o formulário disponível [aqui](#).

Anexo 3: Imagem referente ao convite bilingue para uma cerimónia comemorativa do Dia da Universidade

Exmo.(a) Senhor(a)

O Reitor da Universidade do Algarve, Paulo Águas, tem a honra de convidar V. Exa para a **Sessão Solene do 43º aniversário da UAlg**, que irá realizar-se no dia **14 de dezembro, pelas 16h00**, no **Grande Auditório Caixa Geral de Depósitos**, no **Campus de Gambelas**.

Traje académico | Fato escuro

Solicita-se que confirme a sua presença até ao próximo dia 9 de dezembro, preenchendo o formulário disponível [aqui](#)

Poderá consultar o programa [aqui](#)

SESSÃO
SOLENE
DIA DA
UNIVERSIDADE
DO ALGARVE
14 DEZ/16h



Dear Sir or Madam

The Rector of the University of the University of Algarve, Paulo Águas, is honored to invite you to the **Solemn Session of the 43rd anniversary of UAlg**, which will be held on **December 14th**, at 4.00pm, at the Grand Auditorium Caixa Geral de Depósitos, in the Gambelas Campus.

Academic attire | Dark suit

Please confirm your presence until December 9th by filling out the available form [here](#)

You can consult the program [here](#)

Anexo 4: Imagem referente a um flyer de divulgação da UAlg no Brasil

Se quer estudar em uma instituição jovem, junto ao mar, ter liberdade para fazer investigação, ou porque procura novos desafios num clima de proximidade e de diversidade, então aceite o desafio e seja bem vindo ao mundo UAlg.

www.ualg.pt

JÁ DECIDIU ONDE VAI QUERER USAR A SUA NOTA DO Enem?

UNIVERSIDADE DO ALGARVE PORTUGAL

Tel.: (+351) 289 800 117
Email: internacional@ualg.pt
www.ualg.pt

2020

UALG
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

CURSOS DE GRADUAÇÃO

A Universidade do Algarve recebe estudantes titulares de cursos do sistema de ensino médio brasileiro, que tenham realizado o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), ou equivalente (vestibular), e queiram ingressar num curso de graduação em Portugal.

Os diplomas conferidos são válidos e reconhecidos em todos os países da União Europeia, permitindo realizar cursos de mestrado e doutoramento em qualquer universidade da Europa.

- » Agronomia
- » Arquitetura Paisagista
- » Artes Visuais
- » Biogerontologia
- » Biologia
- » Biologia Marinha
- » Bioquímica
- » Biotecnologia
- » Ciências Biomédicas
- » Ciências Biomédicas Laboratoriais
- » Ciências da Comunicação
- » Ciências da Educação e da Formação
- » Design de Comunicação
- » Desporto
- » Dietética e Nutrição
- » Economia
- » Educação Social
- » Enfermagem
- » Engenharia Alimentar
- » Engenharia Civil
- » Engenharia de Sistemas e Tecnologias Informáticas
- » Engenharia Eletrónica e de Computadores
- » Engenharia Informática
- » Engenharia Mecânica
- » Farmácia
- » Gestão
- » Gestão de Empresas
- » Gestão Hotelaria
- » Gestão Marinha e Costeira
- » Gestão
- » Imagem Animada
- » Imagem Médica e Radioterapia
- » Línguas e Comunicação Intercultural
- » Línguas, Literaturas e Culturas
- » Marketing
- » Matemática Aplicada à Economia e à Gestão
- » Património Cultural e Arqueologia
- » Psicologia
- » Sociologia
- » Turismo
- » Ciências Farmacéuticas (Mestrado Integrado)

SOBRE A UAlg

Situada no sul de Portugal, a Universidade do Algarve (UAlg) tem cerca de 10 mil estudantes, 20% dos quais internacionais, oriundos de mais de 90 nacionalidades, onde se destaca o Brasil, país com maior representatividade.

Com 43 anos de existência, aparece pela quinta vez no ranking do Times Higher Education (THE) Young University Rankings 2022, destacando-se no indicador que avalia a projeção internacional.

Este ano volta a integrar a lista das melhores do mundo no Shanghai Ranking's Global Ranking of Academic Subjects.

A Universidade do Algarve e a região proporcionam as condições de segurança ideais para estudar e investigar, aliadas a uma localização privilegiada junto ao Aeroporto Internacional de Faro, com ligações às principais cidades portuguesas (Porto e Lisboa) e europeias.

CONDIÇÕES EXIGIDAS

A UAlg exige um mínimo de 500 pontos na prova de redação e pelo menos 475 pontos em cada uma das restantes provas.

ANUIDADE

Os estudantes nacionais do Brasil beneficiam de uma redução na anuidade, que varia entre 1.500 e 4.500 Euros, dependendo do curso de graduação escolhido, e é fracionada em 10 mensalidade.

QUEM PODE CONCORRER

» Candidatos com nacionalidade brasileira;

» Candidatos com duas ou mais nacionalidades, em que não se inclua a nacionalidade portuguesa. Neste caso poderá optar por uma delas; Se optar pela nacionalidade extracomunitária, manterá a qualidade de estudante internacional até ao final do ciclo de estudos em que se inscreve. Se optar pela nacionalidade de um Estado da União Europeia não estará abrangido pelo Estatuto de Estudante Internacional não podendo deste modo candidatar-se através deste Concurso.